

**VII Semana de Estudos Medievais**  
**28 a 30 de novembro de 2007**

**Promoção:**

Programa de Estudos Medievais da UFRJ  
[www.pem.ifcs.ufrj.br](http://www.pem.ifcs.ufrj.br)

**Coordenação Geral**

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva  
Leila Rodrigues da Silva

**Comissão organizadora**

Andrea Silva da Costa  
Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva  
Carolina Coelho Fortes  
Jaqueline Calazans  
Leila Rodrigues da Silva  
Rita de Cássia Damil Diniz  
Rodrigo dos Santos Rainha

**Apoios**

ABREM - Associação Brasileira de Estudos Medievais  
ITF - Instituto Teológico Franciscano  
NUEG - Núcleo de Estudos Galegos da UFF  
PPGHC - Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ  
PROEG - Programa de Estudos Galegos da UERJ

**Patrocínio**

FAPERJ  
Banco do Brasil  
Pró-reitoria de Extensão da UFRJ - PR-5



**Caderno de Resumos da  
VII Semana de Estudos Medievais do  
Programa de Estudos Medievais - UFRJ**

**Editoração eletrônica e organização do volume**

Leila Rodrigues da Silva

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

## APRESENTAÇÃO

O **Programa de Estudos Medievais** (Pem) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mantendo o seu compromisso de promover e consolidar os estudos acadêmicos sobre o medievo no Brasil, realiza regularmente, desde sua criação em 1991, diversas atividades. A promoção e organização da **VII Semana de Estudos Medievais** (VII SEM) é mais uma dessas iniciativas. A presente edição do evento, cabe ressaltar, possuiu um caráter especial para nós, pois neste ano completa-se um período de 10 anos desde que assumimos a coordenação do Pem.

A VII SEM, como as anteriores, possui como seu principal objetivo configurar-se como um espaço para a divulgação da produção acadêmica de pesquisadores em nível de Graduação e Pós-graduação de todo o país. Neste sentido, durante o evento, alunos de diferentes instituições de ensino que concluíram seus cursos a partir de 2005 ou ainda estão cursando e com formação em diversas áreas – História, Filosofia, Letras, Teologia, Música e Artes – poderão dialogar e aprimorar seus conhecimentos no campo dos estudos medievais. Nesta edição, receberemos estudiosos provenientes de várias instituições brasileiras, entre as quais UFRJ, UERJ, UFF, UFRRJ, UNIRIO, UGF, UNIGRANRIO, UFES, UFJF, UFOP, UFPR, UFSC, UNESP, UNICAMP e USP.

O evento contará ainda com a participação de pesquisadores com grande experiência. Dessa forma, especialistas coordenarão os debates nas sessões de comunicações; o professor Hilário Franco Jr., da Universidade de São Paulo, ministrará a conferência de abertura intitulada “Heresia, forma utópica medieval?” e o professor Fernando Uribe Escobar, da Facoltà di Teologia della Pontificia Università Antonianum, proferirá no segundo dia do evento, a conferência “La cuestión franciscana hoy: balance, nuevas hipótesis y propuestas”.

Assim, além de estimular o diálogo entre os pesquisadores em formação, a VII SEM também busca propiciar o diálogo destes com os estudiosos renomados.

Com a **VII Semana de Estudos Medievais**,<sup>1</sup> o Pem ratifica sua tradicional preocupação com a promoção do intercâmbio multidisciplinar e interinstitucional e a consolidação dos estudos medievais em nosso país.

Leila Rodrigues da Silva  
Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

---

<sup>1</sup> Confira as atividades do Pem deste e dos anos anteriores em: [www.pem.ifcs.ufrj.br/eventos.htm](http://www.pem.ifcs.ufrj.br/eventos.htm)

## VII SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS

### PROGRAMAÇÃO

28 de novembro de 2007

14h às 15:45h – 1ª Sessão de comunicação

#### MESA 1 - VIOLÊNCIA E DIREITO NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL

**Coordenação:** Marcelo Pereira Lima - Pem - UFRJ / PPGH - UFF

*A Afronta de Corpes*: um estudo sobre a construção da masculinidade no *Poema de Mio Cid*  
Bruno G. Álvaro - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ

Monarquia avisina e regulação da violência em Portugal  
João C. L. de Carvalho - PPGH - UFF

Ciência política, medievalismo e estudos de gênero: a propósito das relações de poder no reino castelhano-leones, séc. XIII  
Marcelo Pereira Lima - Pem - UFRJ / PPGH - UFF

Raptos e *alcabuetes*: exemplos de violência física e moral contra a mulher castelhana nas fontes legislativas do século XIII  
Rosiane Graça Rigas Martins - UGF

#### MESA 2 - REFLEXÕES SOBRE A MONARQUIA MEDIEVAL

**Coordenação:** Livia Lindóia Paes Barreto - UFF

A Imagem régia de Afonso X nas miniaturas das *Cantigas de Santa Maria* (Castela Século XIII)  
Almir Marques de Souza - UFF

O modelo de rei cristão perfeito: Arthur na *Historia Regum Britanniae*  
Isabela Dias de Albuquerque - UFF

Do flagelo à majestade: a representação de Átila nas tradições germânicas  
Otávio Luiz Vieira Pinto - UFPR

A Cristianização da Noruega e o fortalecimento da monarquia norueguesa - uma perspectiva histórico-literária  
Tiago Quintana - UFRJ

#### MESA 3 - PODER EPISCOPAL NA ALTA IDADE MÉDIA

**Coordenação:** Cláudia Beltrão da Rosa - UNIRIO

O poder eclesiástico e civil dos bispos merovíngios no sexto século  
João Paulo Charrone - CAPES / UNESP (Assis)

Aspectos da abrangência da atuação episcopal na Península Ibérica  
João Fernando Silveira Corrêa - Pem - UFRJ

Aspectos da normatização da vida eclesiástica no IV Concílio de Toledo e na *Lex visigotorum*  
Michelle de Oliveira Santos - Pem - UFRJ

Normatização do tempo cristão na Primeira Idade Média: a temporada da quaresma no discurso episcopal do século VI, em Cesário de Arles e Martinho de Braga  
Paulo Duarte Silva - FAPERJ / Pem – UFRJ / PPGHC - UFRJ

#### MESA 4 - CRISTIANISMO E PODER NO MEDIEVO

**Coordenação:** Maria Beatriz de Mello e Souza - UFRJ

Hagiografia e poder político no reino visigodo: considerações sobre a produção historiográfica acerca da *Vita Desiderii* de Sisebuto  
Adriana Conceição de Sousa - FAPERJ / Pem - UFRJ

O rei e o tirano: uma análise dos conflitos entre a realeza e a nobreza no reinado de Vamba (672-680)  
André Luiz Caetano Filgueiras - UFF

Antigos bárbaros, novos cristãos: uma análise sobre o cristianismo celta irlandês do século V ao IX  
Pedro Vieira da Silva Peixoto - UFRJ

A profissão de fé no reino visigodo: um estudo comparado sobre os *Flavius* visigodos, Recaredo e Recesvinto  
Rodrigo dos Santos Rainha - Pem - UFRJ

**16:15h às 18h – 2ª Sessão de comunicação**

**MESA 5 - ASPECTOS DA VIDA FEMININA NO MEDIEVO**

**Coordenação:** Marcus da Silva Cruz - UFMT

“A escritora ignora inteiramente a gramática” Cecília Romana, seu *Relato* e a Ordem dos Pregadores  
Carolina Coelho Fortes - Pem - UFRJ / PPGH - UFF

A Legislação visigoda de Eurico a Recesvinto: uma análise da normatização sobre o comportamento sexual das mulheres virgens, casadas e viúvas no século VII  
Danielle Kaeser Merola - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ

O Amor Cortês e as relações de poder entre homens e mulheres na Idade Média  
Luzia dos Ramos Pinto - UNIGRANRIO

As Legendas Menores e a construção da Santa Clara Virgem  
Maria Valdiza Rogério Soares - Pem - UFRJ

**MESA 6 - RELIGIÃO, CULTURA E PODER NO ORIENTE**

**Coordenação:** Marta Silveira Bejder – UGF

A ascensão e ideologia da aristocracia militar bizantina  
João Vicente de Medeiros Publio Dias - UFPR

De vossas fontes bebi: a presença do pensamento de Heródoto, Tucídides e Políbio na concepção de história D’ *A Alexiada* de Anna Comnena (séculos XI e XII)  
Rafael José Bassi – UFPR

João Damasceno e os fundamentos da produção iconográfica no Cristianismo Ortodoxo medieval  
Renato Viana Boy – DEHIS - UFOP

O demônio entre os monges na primitiva literatura hagiográfica oriental  
Ronaldo Amaral - FAPESP / UNESP (Assis)

**MESA 7 - SOCIEDADE E PODER NA ALTA IDADE MÉDIA**

**Coordenação:** Renata Rozental Sancovsky - UGF

O *Vir Illustre* nos escritos *De Quintus Aurelius Symmachus Eusebius*  
Janira Feliciano Pohlmann - UFPR

A dinâmica das relações intra-senhoriais na Francia Orientalis (séculos VIII e XI)  
Mariana Bedran Lesche - UFF

Dom, santidade e dominação na Alta Idade Média ibérica  
Paulo Henrique de Carvalho Pachá - UFF

Breve análise do processo de hierarquização social na Inglaterra Anglo-Saxônica (séculos VII-VIII)  
Renato Rodrigues da Silva - UFF

**MESA 8 - PODER, INSTITUIÇÕES E SOCIEDADE NA IDADE MÉDIA PORTUGUESA**

**Coordenação:** Paulo André Parente - UNIRIO

O papel do Conselho real na redefinição político-administrativa das Coroas Ibéricas em união  
Carlos Augusto Ferreira Figueira - UNIRIO

As políticas matrimoniais em Portugal no século XIII: a construção da figura de D. Afonso III  
Luiz Vagner da Costa - UGF

*Defensor Fidei*: o ideal de monarca cristão no *Espelho dos Reis* (1340-44) de Álvaro Pais  
Paola Dias - PPGHIS - UFES

A Cavalaria-Vilã no medievo português: O Foral Tomarense de 1162  
Maria Fernanda R. T. M. dos Santos – UNIRIO

**18:30h às 20h – Conferência**

**Conferência:** *Heresia, forma utópica medieval?*

Prof. Dr. Hilário Franco Jr. – Universidade de São Paulo

**29 de novembro de 2007**

**14h às 15:45h – 1ª Sessão de comunicação**

**MESA 9 - PODER E DIREITO NA ALTA IDADE MÉDIA**

**Coordenação:** Bruno de Melo Oliveira - PPGH - UFF

Poder e manifestações do Direito nas Astúrias (século X)  
Bruno de Melo Oliveira - PPGH - UFF

A legislação no reino visigodo (séculos VI e VII) à luz da *Lex Visigothorum* e do IV Concílio de Toledo  
Edilaine Vieira Costa - Pem - UFRJ

A questão imperial nos capitulários *Divisio Regnorum* e *Ordinatio Imperii*  
Marina de Araújo - CNPq / USP / PRP

O conceito de «composição» nos «*Decem libri historiarum*» de Gregório de Tours  
Milton Mazetto Júnior - USP

**MESA 10 – PAGANISMO E PECADO EM TEXTOS MEDIEVAIS**

**Coordenação:** Maria do Carmo Parente - UERJ

As representações do pecado na *Navegação de São Brandão*  
Alinde Gadelha Kühner - CNPq / Pem - UFRJ

Tabus e penitências - esboço de uma análise quantitativa dos penitenciais irlandeses (séculos VI-VII)  
Elaine Cristine dos Santos Pereira - UFF

Cristianismo e paganismo na *Correção dos Rústicos* (c. 574) de Martinho de Braga  
Fabrícia Giuberti dos Santos - UFES

Merlín da Bretanha - por uma análise da personagem e suas relações de poder na Inglaterra Celto-Cristã  
Tarso de Souza Pereira – UFRJ

**MESA 11 - ASPECTOS DA MONARQUIA PORTUGUESA**

**Coordenação:** Denise da Silva Menezes do Nascimento - USP

O Rei Justo e o Rei Cruel: imagens em oposição em Fernão Lopes e Pero Lopez de Ayala  
Ana Carolina Delgado Vieira - USP

Emissões monetárias de D. João III para a metrópole e índia portuguesa  
Anália Ramos Perpétuo Paniza - UFRJ

As cartas de perdão no reinado de D. João II  
Denise da Silva Menezes do Nascimento - USP

Os direitos de padroado régios nos séculos XIII e XIV em Portugal  
Marina Cavalcanti e Silva Neofiti - USP

A construção da figura guerreira de Afonso Henriques a partir das crônicas (séc. XII)  
Rodrigo da Silva Salgado - PPGHC - UFRJ

**MESA 12 - REFLEXÕES SOBRE RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NO MEDIEVO IBÉRICO**

**Coordenação:** Gracilda Alves - UFRJ

Velai-me São Tiago x ouvi-me Virgem de Guadalupe: um estudo das peregrinações portuguesas- séc. XIV-XV  
Bruno Soares Miranda - UERJ

A mulher e a feiticeira nas Cantigas de Escárnio e Maldizer galego-portuguesas  
Candice Quinelato Baptista Cerchiari - USP

Beato e os *Beatos*: a Paidêutica do Apocalipse  
João Rafael Chió Serra Carvalho - USP

Lamurientas, faladeiras e mentirosas? Algumas mulheres no quatrocentos português  
Sooraya Karoan Lino de Medeiros – USP

**16:15h às 18h – 2ª Sessão de comunicação**

**MESA 13 - RELIGIOSIDADE E ICONOGRAFIA NO MEDIEVO**

**Coordenação:** Francisco José da Silva Gomes – UFRJ

*A Iconografia das Profundezas*: as representações da *Descida ao Limbo* de Andrea Mantegna (1431-1506)  
André Maurício G. Mesquita - UFRJ

Religiosidade e imagem nos Beatos  
Iracema Andrade de Alencar - Pem- UFRJ

A Gravura *O Combate de São Miguel Contra o Dragão* de Albrecht Dürer  
Paulo Roberto Parq Alves - UFRJ

A Psicostasia nas representações visuais do Juízo Final  
Tamara Quírico - PPGHIS - UFRJ / IPHAN

**MESA 14 - REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA MEDIEVAL**

**Coordenação:** Jaqueline Calazans - UFRJ

A literatura popular como crítica social: eu Lenspiegel, um malandro no Sacro Império  
Elzi Helene Monjardim Amigo - UFRJ

Autobiografia de Valério de Bierzo: primeiras considerações sobre o tema  
Luiz Felipe de Souza - Pibex - Pem - UFRJ

*O De Magistro* de Tomás de Aquino: conhecimento e ensino no século XIII  
Tatyana Murer Cavalcante - CNPq - FE/UNICAMP

O Conhecimento presente nas Etimologias de Isidoro de Sevilha  
Verônica da Costa Silveira - Pem - UFRJ

**MESA 15 - RELIGIOSIDADE E FEMININO NO MEDIEVO**

**Coordenação:** Sandro Roberto da Costa - ITF

Amor de Deus e amor do próximo na *Vida de Santa Juliana do Monte Cornillon* (1258)  
Ana Paula Lopes Pereira - UERJ

Bernardo de Claraval e Gonzalo de Berceo: intertextualidade, gênero e mariologia medieval  
Guilherme Antunes Júnior - Pem - UFRJ

Hildegard Von Bingen: consciência ecológica e cuidado na Idade Média  
Neuci Lopes da Silva - ITF

Santa Catarina, a sábia de Alexandria: uma análise da construção de uma santidade *gendereficada* na *Legenda Aurea*  
Priscila Gonzalez Falci - PPGHC - UFRJ/ Pem - UFRJ

**MESA 16 - JUDEUS E MUÇULMANOS: ASPECTOS CULTURAIS E POLÍTICOS**

**Coordenação:** José D'Assunção Barros - USS

O Reino Ziri de Granada no Século XI, a transladação da capital Ziri de Elvira para Granada  
Adriana Rodrigues de Almeida - UGF, *Paulo Ricardo Costa Pinto* – UGF e Ricardo Duarte Azeredo - UGF

Reflexões sobre as traduções judaicas na Península Ibérica medieval  
Andréa Silva da Costa - FAPERJ / Pem - UFRJ

Al-tabarī e a historiografia islâmica medieval  
Daniele Sandes da Silva - UFF

Andaluz, paradigma para a formação de um historiador: Ibn Khaldun (1332-1406)  
Elaine Senko - PIBIC- CNPq/ UFPR

**18:30h às 20h – Conferência**

**Conferência:** *La cuestión franciscana hoy: balance, nuevas hipótesis y propuestas*

Prof. Dr. Fernando Uribe Escobar - Facoltà di Teologia della Pontificia Università Antonianum

**30 de novembro de 2007**

**14h às 15:45h – 1ª Sessão de comunicação**

**MESA 17 - CAVALARIA E GUERRA SANTA NO MEDIEVO**

**Coordenação:** Valtair Afonso Miranda - UMESP

“Deus o quer”: o discurso de Urbano II e a formação da primeira cruzada  
Flávia Rocha do Nascimento - Pem - UFRJ

Um substrato anglo-saxão na Inglaterra Normanda: *King Horn* ou a saga de um caval(h)eiro-guerreiro  
Gabriela da Costa Cavalheiro - UFRJ

Amadis de Gaula, o cavaleiro perfeito  
Katuscia Quirino Barbosa - UFF

“Ah, Santa Maria, ajudais aos nossos, pois parece que o encontro já começou”: a batalha de Portopí na Conquista de Maiorca (1229)  
Luciano José Vianna - PPGHIS - UFES

**MESA 18 - DEVOÇÃO AOS SANTOS NO MEDIEVO**

**Coordenação:** Renata Menezes - UFRJ

Portugal, *terra de Santa Maria*: memória e história de devoção a virgem (sécs. XII-XV)  
João André de Araújo Faria - UFRRJ

Piedade, milagres e hospitalidade: três elementos norteadores do *Codex Calixtinus*  
Tatiane S. C. Reis - CNPq - Pem - UFRJ

As formas de reconhecimento da santidade no medievo  
Thiago de Azevedo Porto - PPGHC - UFRJ/ Pem - UFRJ

Devotos do paço: idéias sobre realeza, devoção e memória em Portugal. Séc. XII-XVI  
Vinicius Miranda Cardoso - UFRURALRJ

**MESA 19 - APREENSÕES MEDIEVAIS E CONTEMPORÂNEAS DA IDADE MÉDIA**

**Coordenação:** Fabrícia A. T. de Carvalho - Pem - UFRJ

O discurso antoniano e sua ligação com os bestiários medievais: o rinoceronte  
Jefferson Eduardo dos Santos Machado - Pem - UFRJ



Herdeiros de São Bento na América Portuguesa: processo de ressocialização no Mosteiro do Rio de Janeiro  
Jorge Victor de Araújo Souza - CNPq / PPGH - UFF

A produção de conhecimento e seus locais de difusão: uma reflexão sobre o abismo  
Marcelo Fernandes de Paula - Pibex - Pem - UFRJ

Hagiografia medieval em azulejos portugueses: painéis de Santo Antônio de Pádua em conventos franciscanos da América Portuguesa  
Sílvia Barbosa Guimarães Borges - PPGAV – UFRJ

#### **MESA 20 - REINOS HISPANO-CRISTÃOS NOS SÉCULOS FINAIS DO MEDIEVO**

**Coordenação:** Lenora Pinto Mendes - UFF

Ramon Llull e o seu projeto para a conversão dos infiéis no *Livro da Passagem* (1292), no *Livro do Fim* (1305) e no *Livro da Aquisição da Terra Santa* (1309)  
Eliane Venterim - IBFCRL - CESAT - UFES

“Inicie tuas palavras com a caridade”. A caridade na *retórica nova* (1301) de Ramon Llull  
Nayara Sepulcri Pinheiro - CNPq / UFES

As contribuições da vitória cristã em Navas de Tolosa para a afirmação régia castelhana no século XIII  
Rafael de Mesquita Diehl - UFPR

Os silêncios de Pedro, o Cru na guerra entre Castela e Aragão: algumas notas sobre neutralidade e estratégias peninsulares, 1356-1369  
Rogerio Ribeiro Tostes - CNPq / UFPR

**16:15h às 18h – 2ª Sessão de comunicação**

#### **MESA 21 - IGREJA E HERESIA NA IDADE MÉDIA**

**Coordenação:** Álvaro Alfredo Bragança Jr. - UFRJ

O Concílio de Constança (1414-1418) e a condenação de João Hus  
João Henrique dos Santos - UGF / PPCIR-UFJF

A Igreja medieval e a sociologia da religião: entre Gregório VII, Max Weber e Pierre Bourdieu  
Leandro Duarte Rust - PPGH - UFF

Observando Nicolau Eymerich: um estudo comparativo entre os dados coletados sobre a prática do dominicano e o livro *O Inquisidor* de Valerio Evangelisti  
Ney Augusto Ferreira dos Santos - UFRJ

Reflexões acerca da heresia valdense no contexto do século XIII  
Tatiana Henrique Brives - Pem - UFRJ

#### **MESA 22 - REFLEXÕES SOBRE LITERATURA MEDIEVAL**

**Coordenação:** Henrique Marques Samyn - UERJ

História e poesia na Inglaterra anglo-saxônica: por um estudo comparativo de fontes literárias do antigo inglês  
Italo Papi da Costa - UFRJ

Sobre as origens de um gênero poético medieval: a Pastorela  
Henrique Marques Samyn - UERJ

O convívio entre a poesia e a filosofia na Idade Média  
Hudson dos Santos Barros - UFRJ

O cruzamento entre o sagrado e o profano na temática do Amor Cortês  
Ligia Cristina Carvalho - UNESP (Assis)

**MESA 23 - PORTUGAL NOS SÉCULOS FINAIS DO MEDIEVO**

**Coordenação:** Fabiano Fernandes - PPCIR - UFJF

Vertentes historiográficas de caracterização da Revolução de Avis  
Artur Gonçalves Mota Henriques - UFF

O poder real lusitano e as suas relações com a nobreza entre D. João I e o “príncipe perfeito”  
Bruno Silva do Nascimento - UERJ

As leis de repressão à vadiagem consecutivas à Peste Negra (Portugal - século XIV)  
Daniel Tomazine Teixeira – UFF

D. João I “o messias de Lisboa”: o discurso político como estratégia da propaganda régia, na Crônica de Fernão Lopes (Portugal séculos XIV- XV)  
Helena R. Matheson - UFF

Políticas sanitárias e a centralização régia em Portugal - séculos XIV ao XVI  
Viviane Negreiros - UFF

**MESA 24 - ASCETISMO E CONTROLE DO CORPO NA IDADE MÉDIA**

**Coordenação:** Miriam L. Impillizieri Silva - UERJ

Concepções monásticas e episcopais acerca da sexualidade: culminâncias comuns  
Alex da Silveira de Oliveira - Pem - UFRJ / PPGHC – UFRJ

Reflexões sobre ascetismo e convívio social na *Vita Fructuosi*  
Bruno Uchoa Borgongino - CNPq / Pem – UFRJ

A noção de ascetismo no Livro I da *De Philosophiae Consolatione* de Boécio  
Cleber Duarte Coelho – UFSC

O Corpo como fonte de pecado em São Francisco de Assis  
Luciana Cosme de Oliveira – CESAT

Elementos de edificação da moral na *Vita Sancti Aemiliani*  
Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz - CNPq / Pem - UFRJ

**18:30h às 20h – Encerramento**

**GRADE BÁSICA DE PROGRAMAÇÃO**

Horário	Dia 28/11	Dia 29/11	Dia 30/11
14h – 15:45h	Sessão de Comunicações	Sessão de Comunicações	Sessão de Comunicações
15:45h às 16:15 h	Intervalo	Intervalo	Intervalo
16:15h às 18h	Sessão de Comunicações	Sessão de Comunicações	Sessão de Comunicações
18h às 18h30min	Intervalo	Intervalo	Intervalo
18:30h às 20h	Conferência	Conferência	Encerramento

## **RESUMOS**

## **HAGIOGRAFIA E PODER POLÍTICO NO REINO VISIGODO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA ACERCA DA *VITA DESIDERII* DE SISEBUTO**

Adriana Conceição de Sousa - FAPERJ / Pem - UFRJ

Sisebuto ascende ao trono visigodo em 612, com a morte de Gundemaro, e governa até a sua própria morte em 621. É tido pela historiografia como um dos mais eruditos reis visigodos, tendo mantido um estreito contato político e intelectual com o bispo Isidoro de Sevilha.

Seu reinado é marcado por campanhas militares e acordos políticos bem-sucedidos, inclusive junto ao Reino franco e aos representantes do Império Bizantino, que na ocasião ainda dominava uma pequena faixa territorial ao sul da Península Ibérica. Além de uma defesa ardorosa da homogeneidade religiosa e da disciplina episcopal, constam da trajetória de Sisebuto a autoria de um tratado astronômico, o *Astronomicum*, um poema sobre os eclipses lunares, conhecido como *Carmen de Luna*, mas talvez a sua obra mais intrigante do ponto de vista histórico seja a hagiografia intitulada *Vita vel Passio Sancti Desiderii*, conhecida também como *Vita Desiderii*. A *Vita Desiderii*, escrita por volta de 613, narra a vida e a morte de Desidério, bispo de Vienne, executado em 607 por ordem do rei merovíngio Teodorico da Burgúndia, e de sua avó, a rainha Brunequilda, após entrar em choque direto contra estes.

O objetivo desta comunicação será apresentar, em linhas gerais, algumas das questões discutidas pela historiografia recente, no que tange aos principais aspectos político-ideológicos que perpassaram a produção e a difusão desta narrativa hagiográfica.

## **O REINO ZIRI DE GRANADA NO SÉCULO XI, A TRANSLADAÇÃO DA CAPITAL ZIRI DE ELVIRA PARA GRANADA**

Adriana Rodrigues de Almeida - UGF

Paulo Ricardo Costa Pinto - UGF

Ricardo Duarte Azeredo - UGF

O presente trabalho analisa um período de tempo em que o caos social, político e militar tomou conta da Espanha, logo após a morte de Al-Mansur e a dissolução do califado de Córdoba. Sendo este o contexto geral da Andaluzia, apresentaremos um foco diferente do processo de formação dos reinos de taifas, ou seja as peculiaridades que tornaram Granada um local diferente de todos os demais pequenos domínios nos quais foi fragmentada a Andaluzia.

Nossa principal fonte será o diário escrito por Abd Allah, o último governante Ziri, deposto pelos almorávidas, duas gerações depois da constituição dos domínios ao sul da Espanha. O diário, traduzido do árabe para o espanhol, com o qual construímos o arcabouço de nossa pesquisa, é, quiçá, a fonte mais completa sobre os antecedentes embora não seja contemporânea dos fatos apresentados, em sua abertura o autor alerta para a necessidade de se preservar o rigor histórico de uma narrativa, o que se pode constatar facilmente pela leitura do texto. Faremos uso ainda de fontes iconográficas, como fotos de antigos prédios da localidade que um dia foi a cidade de Elvira. Apresentaremos ainda um breve histórico da região, sua história quando da ocupação romana até o estabelecimento do califado, e detalhes sobre sua fundação.

## **CONCEPÇÕES MONÁSTICAS E EPISCOPAIS ACERCA DA SEXUALIDADE: CULMINÂNCIAS COMUNS**

Alex da Silveira de Oliveira - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ

Pelas idas do século VII no reino visigodo, especialmente na região da Galiza, fora prática comum a adoção de um estilo de vida caracterizado por um rigoroso ascetismo entre os religiosos. As mortificações próprias desta conduta incidiram sobre a sexualidade de seus adeptos e gerou um movimento monástico diferenciadamente marcado pela austeridade de suas estipulações. Neste contexto, objetivando a organização de tal fenômeno dois códigos ordenadores assumem papel fundamental: a *Regula Monachorum* e a *Regula Communis*. Por outro lado e concomitantemente, constatamos a existência e consolidação do clero secular sobre a clericatura visigoda, baseando suas ações nas atas como as que aqui foram selecionadas: do IV ao VIII e o X concílios de Toledo.

Por conseguinte, ao chamarmos a atenção para o tema do controle da sexualidade dos religiosos, objetivamos identificar o nível de concordância existente entre as posturas assumidas pelo clero regular e secular no reino visigodo. Para isto, cotejaremos os preditos documentos (regras e atas conciliares), com o intento norteador da aferição possível em relação ao problema levantado.

## **AS REPRESENTAÇÕES DO PECADO NA *NAVEGAÇÃO DE SÃO BRANDÃO***

Alinde Gadelha Kühner - CNPq / Pem - UFRJ

Apresentarei as primeiras reflexões relacionadas à pesquisa a ser realizada para a monografia de final de curso em História junto a UFRJ. Essa monografia está em desenvolvimento junto projeto coletivo de pesquisa *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, do qual participo como bolsista IC/CNPQ-Balcão. Neste trabalho, examinei hagiografias ibéricas produzidas entre os séculos XI e XIII, tendo selecionado um texto português, a *Navegação de São Brandão*, para analisar de forma mais detalhada para compor a já referida monografia. O texto foi produzido, no século XIII, no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaca e é uma tradução do original anglo-normando, do século XII, para o latim. Nessa pesquisa individual, trabalharei com as representações do diabo e do pecado presentes no texto, contudo, nessa comunicação, irei me centrar na questão do pecado. Na hagiografia, São Brandão é o chefe de uma expedição naval rumo à Ilha do Paraíso. A caminho da ilha, alguns monges cometem pecados e são punidos. Neste artigo, serão analisados os significados dessas ações. Será estudado em que medida tais trechos são exemplares e como relacionam-se com o que os autores eclesiásticos pensavam sobre pecado nos séculos XII e XIII, bem como o posicionamento da Igreja.

## **A IMAGEM RÉGIA DE AFONSO X NAS MINIATURAS DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA (CASTELA SÉCULO XIII)**

Almir Marques de Souza - UFF

O presente trabalho tem o intuito de apresentar uma pequena análise das representações iconográficas do rei Afonso X de Castela e Leão (1257-1284), também conhecido como Rei Sábio, contidas no cancionero das Cantigas de Santa Maria. Procuraremos nos debruçar, especificamente, sobre dois pontos principais: o primeiro faz referência às características atribuídas à figura de Afonso, mais notadamente as especificidades que distinguia o rei dos demais homens e conferia-lhe notoriedade própria; o segundo trata do papel que estas figurações desempenharam na construção de uma imagem do poder régio e da própria realza castelhano-leonesa, bem como de suas relações com o universo do imaginário do Ocidente Medieval e da Península Ibérica do século XIII. A distinção da figura régia baseou-se na apresentação do rei como detentor de qualidades ideais para desempenhar um bom governo. A própria sapiência era, sem dúvida, uma destas qualidades, na medida em que se manifestava como alcunha do rei. Mas, aliada a ela havia também a caracterização de uma ligação direta deste governante com uma importante figura do imaginário cristão ibérico: Santa Maria. Desta maneira, procuraremos evidenciar como estas miniaturas se configuravam como um valioso instrumento de propaganda que almejava nada menos do que afirmar a soberania do próprio monarca no interior de seu reino.

## **O REI JUSTO E O REI CRUEL: IMAGENS EM OPOSIÇÃO EM FERNÃO LOPES E PERO LOPEZ DE AYALA**

Ana Carolina Delgado Vieira - USP

A pena do cronista constrói o local da memória através da força didática e duradoura da sua criação. Este local é sedimentado pelos documentos e pelos mitos do passado que tentam legitimar aqueles que merecem ser eternizados na *sua* História.

A Crônica, forjada à luz de um olhar direcionado do seu autor, é um espaço constante de transcrições e criações de discursos. Analisar este tipo de documento histórico é perceber a existência de um mosaico de outros registros, que carregam em si a intencionalidade do cronista na concepção de sua obra.

A proposta deste trabalho é nos aproximar da Crônica de D. Pedro I de Fernão Lopes (1385-1460), a fim de se compreender os espaços de apropriação e de silenciamento de outras fontes na sua própria criação. Pretendemos aqui compará-la com o trabalho de Pero Lopez de Ayala (1332-1407), quando este versava sobre os feitos e construía a memória do Rei D. Pedro I de Castela (1350-1369).

Compreender as relações da concepção medieval da História e os atributos das virtudes cristãs, que se manifestam ou se ausentam nas figuras reais evocadas por estes dois autores, é a idéia que orienta este trabalho na leitura e interpretação de dois cronistas ibéricos de fins do século XIV.

## AMOR DE DEUS E AMOR DO PRÓXIMO NA VIDA DE SANTA JULIANA DO MONTE CORNILLON (1258)

Ana Paula Lopes Pereira - UERJ

Em nossa pesquisa sobre a Caridade como amizade espiritual nas narrativas hagiográficas brabantinas do século XIII, a Vida de santa Juliana do Monte Cornillon – visionária eucarística - aparece como um dos textos mais significativos. O texto, datado da segunda metade do século XIII, é uma tradução para o latim de um relato escrito por Eva, reclusa de São Martinho de Liège. A comunicação tem por objetivo mostrar o estabelecimento de relações de amizade espiritual como constitutivo do caminho da santidade, sendo a manifestação da Caridade como amor preferencial inserida na dinâmica do desejo do Amor-Deus. Dessa forma analisaremos as diversas formas de amizade estabelecidas pela beata com os membros da hierarquia eclesiástica local, com as irmãs da comunidade do Monte Cornillon, com Eva, a reclusa, sua *dilecta*, com Isabela, sua companheira no exílio. Pensamos poder entrever através da concepção e da prática de relações de amizade espiritual uma rede de solidariedade feminina, necessária diante da suspeita suscitada pelos novos modelos de santidade mística, surgidos através da fusão da espiritualidade laica beguinal e da teologia mística cisterciense.

## EMISSÕES MONETÁRIAS DE D. JOÃO III PARA A METRÓPOLE E ÍNDIA PORTUGUESA

Anália Ramos Perpétuo Paniza - UFRJ

A numária indo-portuguesa é inimitável, única, tem características peculiares e distancia-se da Metrópole – a qual evidencia-se uma preocupação com os elementos da gravura, dos símbolos e legendas, bem como a qualidade superior no acabamento.

O *corpus documental* objeto deste estudo encontra-se sob a guarda do Departamento de Numismática do Museu Histórico Nacional, que possui um conjunto de 209 moedas da Índia Portuguesa e Metrópole.

A moeda é considerada como um documento semelhante à maioria dos documentos escritos, diferindo destes na natureza do seu suporte – metal. É um documento histórico, especialmente iconográfico, através do qual podemos obter informações relevantes sobre aspectos da história, da economia, da política, da arte e mesmo da religião de diversas sociedades. Ela foi muitas vezes um instrumento de propaganda da autoridade régia. Além do seu papel na economia, a moeda teve sempre diversas outras funções – e, entre elas, a função política – porque foi também um instrumento de poder, dominação, centralização e propaganda, que circulava em toda a sociedade, na medida em que as moedas passavam de mão em mão, do mais rico ao mais pobre e, de toda a atividade econômica. Nos tipos, inscrições e legendas, a autoridade emissora inscrevia a mensagem que desejava transmitir.

O objetivo principal do estudo é a análise comparativa das moedas da Metrópole e as da Índia Portuguesa no reinado de D. João III (1521-1557) e, para executarmos este objetivo, iremos analisar as moedas existentes no Museu Histórico Nacional.

## O REI E O TIRANO: UMA ANÁLISE DOS CONFLITOS ENTRE A REALEZA E A NOBREZA NO REINADO DE VAMBA (672-680)

André Luiz Caetano Filgueiras - UFF

A presente comunicação tem como objetivo abordar a as estruturas de poder no Reino Visigodo de Toledo no século VII, mais especificamente no reinado do rei Vamba (672 e 680). A justificativa desse recorte se baseia no fato de que, durante seu reinado, ocorreram várias convulsões políticas, traduzidas numa grande rebelião da nobreza contra a realeza, liderada por um nobre visigodo, o duque Paulo, além de rebeliões internas dos povos do extremo norte peninsular, como os Vascões. Estas revoltas, sobretudo a de Paulo, demonstram que, apesar de aparentar uma “unidade política estável”, com uma instituição monárquica forte e estabilizada, o Reino Visigodo de Toledo encontrava-se em processo acelerado de fragmentação. As tensões sociais que se avolumaram no Reino – como os conflitos entre grupos aristocráticos e a instituição monárquica, a política hostil aos judeus e as ameaças internas (ataques dos povos cantábricos e pirenaicos) e externas (francos) – foram minando paulatinamente a capacidade centralizadora do rei, levando ao enfraquecimento e posterior aniquilamento da realeza visigótica. É nesse recorte espaço temporal que pretendo, com base na análise da *Historia Wambae*, configurar as bases do poder da realeza visigoda, buscando na figura do rei e na sua relação com a sociedade do período os elementos que configuram tal poder.

## **A ICONOGRAFIA DAS PROFUNDEZAS: AS REPRESENTAÇÕES DA *DESCIDA AO LIMBO* DE ANDREA MANTEGNA (1431-1506)**

André Maurício G. Mesquita - UFRJ

A *Descida de Cristo às Profundezas* é uma parte bem estabelecida da crença cristã do Ocidente Medieval. Ele é narrado no Evangelho apócrifo de Nicodemos e conta que no tempo entre Sua Morte e Ressurreição, Cristo desce às Profundezas, mais especificamente ao Limbo, onde estavam as almas justas dos profetas e patriarcas do Antigo Testamento, e os liberta. Ele assim, arrebenta os portões do Inferno, e assinala Seu triunfo sobre a morte e o Diabo.

Trata-se de uma passagem especial da Paixão de Cristo, em que não há observadores e com apenas um relato sumário – o que denota a dificuldade de sua representação iconográfica. Representações da *Descida ao Limbo* porém, não são incomuns em imagens de tradições bizantinas. De fato, importantes artistas como o sienense Duccio (c.1255-1316) e o florentino Giotto (c.1266-1337), o representaram de acordo com tais tradições. É, no entanto, na segunda metade do século XV que a temática ganha novas possibilidades iconográficas, com os trabalhos do desenhista, pintor e gravador Andrea Mantegna (1431-1506), ativo em Mântua de 1460 até sua morte. No atelier de Mantegna são produzidos desenhos, uma pintura e uma gravura – esta última estudada a partir de um exemplar original na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro – que representam a *Descida ao Limbo* de uma forma visual inovadora, com Cristo retratado de costas, adentrando a escuridão das Profundezas.

Privilegiando o conceito de Iconografia de Erwin Panofsky e Gertrud Schiller, pretende-se comparar as obras de Mantegna com imagens anteriores de mesma temática, assinalando em que medida as soluções encontradas pelo artista apropriam-se das tradições iconográficas e as renovam, a fim de criar uma representação impactante e dramática.

## **REFLEXÕES SOBRE AS TRADUÇÕES JUDAICAS NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL**

Andréa Silva da Costa - FAPERJ / Pem – UFRJ

Nesse trabalho apresentaremos as primeiras reflexões da pesquisa que estou realizando para a redação da monografia do final do curso de história, sob a orientação da professora Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ e integra a pesquisa coletiva Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade. O tema de nossa pesquisa de final de curso, é o papel dos judeus na tradução de bíblias para o Castelhana nos séculos XIII e XIV.

A cidade de Toledo foi um dos focos principais de cultura hispânica durante os séculos finais da Idade Média, centro receptor dos conhecimentos que chegavam do mundo Islâmico e Grego. Houve na cidade a interação entre elementos muçulmanos, judeus e cristãos, o que possibilitou o avanço no campo das traduções, já que com essas três culturas trabalhavam conjuntamente.

Nossa comunicação visa discutir as hipóteses levantadas pela historiografia sobre diversos aspectos da *Escuela de Traductores de Toledo*, relacionando com o nosso tema de pesquisa.

## **VERTENTES HISTORIOGRÁFICAS DE CARACTERIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE AVIS**

Artur Gonçalo Mota Henriques - UFF

Se o tema aqui proposto constitui-se em verdadeiro *topos* da historiografia portuguesa, e em marco “fundador” da história e da identidade nacionais – premissas em geral intimamente associadas! – qualquer tentativa efetiva de “revisitá-lo”, para restabelecê-lo em novas bases, depende de uma intervenção primária essencial que consiste na avaliação crítica das perspectivas diversas que nortearam a “construção do objeto” pela confraria dos historiadores. Isto posto, a comunicação ora proposta consiste na intervenção “fundadora” de um projeto de monografia de graduação em História que apenas começa, em seus primeiros passos, a se materializar. Tendo por objetivo de fundo a caracterização das camadas populares às quais se atribuiu – Fernão Lopes, em especial, que as designou por “arraia miúda” na Crônica de D. João I – uma vigorosa participação no movimento de 1383-1385, esta primeira fase do projeto concentra-se na problematização das “visões dos autores clássicos” a serem trabalhados, dentre os quais se destacam Alexandre Herculano, em sua *História de Portugal*, José Matoso em sua *História de Portugal Vol.II*, e Oliveira Marques em sua obra *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV* que se constituem em nossas fontes primárias de análise e consideração.

## **PODER E MANIFESTAÇÕES DO DIREITO NAS ASTÚRIAS (SÉCULO X)**

Bruno de Melo Oliveira - PPGH - UFF

Esta comunicação tem por objetivo analisar as relações entre Direito e Sociedade na região das Astúrias no século X. A expansão territorial promovida pelos monarcas asturianos nos fins do século IX e princípios do X coincidiu com o reemprego da legislação visigótica, o *Liber Iudiciorum*, ou *Livro dos Juizes*. A utilização deste aparato jurídico se compreende se identificarmos o contexto no qual se insere esta inovação, marcado pela ampliação dos domínios da monarquia nascente e pela maior complexidade das relações sociais e políticas durante o reinado de Afonso III. A dilatação das fronteiras do reino fez a realeza asturiana travar contato com situações sociais e políticas em relação às quais a dinâmica tradicional mostrou-se insuficiente e ultrapassada, o que demandava um aparato jurídico que se adequasse à nova realidade. As conquistas perpetradas em terras situadas ao Sul possibilitaram o contato mais intenso do Reino de Oviedo com entidades territoriais intimamente ligadas às tradições culturais e políticas visigodas, repositórios, por exemplo, da legislação originária do trono de Toledo.

### **A AFRONTA DE CORPES: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO POEMA DE MIO CID**

Bruno G. Alvaro - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ

A comunicação que apresentaremos tem por objetivo expor nossos primeiros apontamentos sobre como a masculinidade é apresentada no *Poema de Mio Cid*, texto literário anônimo escrito em castelhano no início do século XIII para rememorar os feitos do cavaleiro Rodrigo Díaz de Vivar, conhecido pela alcunha de El Cid.

Através da identificação das adjetivações atribuídas aos personagens masculinos que fazem parte do núcleo narrativo do poema denominado comumente como *Afronta de Corpes*, discutiremos como o autor do texto constrói a trama relacional da masculinidade entre homem X homem e homem X mulher, pautados nas propostas teóricas dos estudos de Gênero, encabeçados por Joan W. Scott e, em uma História Cultural conceitualizada por Roger Chartier.

A *Afronta de Corpes* narra o ultraje dos infantes de Carrión contra suas esposas, as filhas do Cid, impulsionados por uma seqüência de fatos narrados no poema e que “ferem” sua masculinidade. Os infantes, na tentativa de restituírem a honra perdida, elemento áureo da masculinidade, se vingam em Elvira e Sol. Devido a esse fato, El Cid tem sua honra também atingida.

Este trabalho está relacionado à nossa pesquisa de mestrado, desenvolvida no PPGHC-UFRJ, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréia C. L. Frazão da Silva, na qual comparamos a construção da masculinidade dos protagonistas de dois textos medievais: Domingo de Silos, presente na *Vida de Santo Domingo de Silos*, poema hagiográfico escrito por Gonzalo de Berceo e, El Cid, no já citado *Poema de Mio Cid*.

### **O PODER REAL LUSITANO E AS SUAS RELAÇÕES COM A NOBREZA ENTRE D. JOÃO I E O “PRÍNCIPE PERFEITO”**

Bruno Silva do Nascimento - UERJ

O presente trabalho propõe uma análise sobre as relações de poder que se estabelecem no interior da nobreza portuguesa no período entre a coroação de D. João I e o reinado de D. João II. A própria ascensão do mestre de Avis à posição de rei de Portugal dividiu as casas aristocráticas portuguesas, fato este que, depois da batalha de Aljubarrota e da “consolidação” da dinastia de Avis no trono lusitano, aparece-nos de forma mais significativa. É razoável pensarmos que, após uma batalha de tamanha importância, as relações régias não se darão da mesma forma com aqueles que optaram por lutar contra o rei na batalha.

Essas relações dos soberanos lusitanos com a nobreza, no período supracitado, merecem ser estudadas, pois que nunca seguiram a um padrão. Ao contrário, variaram de monarca para monarca através do tempo e da situação encontrada pelo mesmo, de forma a assegurar a sua posição e a sua soberania. Após a morte de D. Duarte, o regente D. Pedro governa de um modo que incomoda algumas casas aristocráticas portuguesas, que, contudo, durante o reinado de D. Afonso V, aproveitando-se de seu caráter “fraco”, manipularam no sentido de aumentar suas prerrogativas e seus privilégios.



Enfim, o estudo das relações entre os monarcas lusitanos e as casas aristocráticas nos ajudam a entender um pouco mais de como se articula o poder em Portugal em fins da idade média e “início” de um momento inovador, o das descobertas, e novas perspectivas para o rei e para o povo de Portugal.

### **VELAI-ME SÃO TIAGO X OUVI-ME VIRGEM DE GUADALUPE: UM ESTUDO DAS PEREGRINAÇÕES PORTUGUESAS- SÉC. XIV-XV**

Bruno Soares Miranda - UERJ

Um dos frutos da religiosidade medieval é a peregrinação. Esta manifestação é verificada em toda Europa medieval e encontramos um excelente exemplo de tal ato em Portugal. Encontramos em terras lusas rotas que ligam o sul ao norte e que convergem a vários pontos de peregrinação, principalmente a Compostela, onde é venerado o túmulo de São Tiago. A peregrinação a Compostela tem seu auge no século XIV. Porém no século seguinte, a figura do apóstolo de Cristo entra em declínio, principalmente a figura de São Tiago Mata Mouro, pois esta perde importância com a diminuição do processo de Reconquista. A figura de São Tiago é gradualmente substituída pela figura maternal de Maria. O século XV será o momento de ápice da peregrinação à região de Estremadura na Espanha, onde se encontra uma igreja dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe. Podemos verificar o grande fluxo de portugueses a região analisando a documentação encontrada no Mosteiro de Guadalupe. Além disso, observamos a importância dos dois pólos de peregrinação quando verificamos a ida de monarcas para tais pontos e ao número de igrejas dedicadas aos dois santos em terras portuguesas. Com isto verificamos que para fazer um estudo da religiosidade portuguesa é necessário um maior conhecimento da devoção dos santos venerados no reino vizinho.

### **REFLEXÕES SOBRE ASCETISMO E CONVÍVIO SOCIAL NA *VITA FRUCTUOSI***

Bruno Uchoa Borgongino- CNPq / Pem - UFRJ

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de graduação vinculada ao Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ, com orientação da professora Leila Rodrigues, ainda em estágio inicial de desenvolvimento. O projeto no qual esta comunicação está inserido tem como proposta analisar as concepções de “maldade” e “demônio” na *Gallaecia* dos séculos VI e VII com base nos discursos das obras hagiográficas de Emiliano, Valério do Bierzo e Frutuoso de Braga.

Para essa exposição, será utilizada como fonte a *Vita Fructuosi*, hagiografia anônima de Frutuoso de Braga escrita no século VII. Frutuoso foi um monge que viveu na *Gallaecia* do período visigótico. Ainda em vida tornou-se famoso na Hispânia por sua santidade, fazendo com que sua presença atraísse um número considerável de pessoas. Por desejar um modo de vida tranquilo e afastado das coisas mundanas, Frutuoso buscou distanciar-se das multidões mudando-se para mosteiros construídos por ele mesmo em regiões afastadas – mas sempre falhando nestas tentativas por causa do seu renome.

Nesta comunicação serão feitas considerações sobre a tensão existente entre o estilo de vida ascético pretendido por Frutuoso e o seu contato com os indivíduos e grupos sociais das proximidades dos mosteiros em que morou.

### **A MULHER E A FEITIÇARIA NAS CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER GALEGO-PORTUGUESAS**

Candice Quinelato Baptista Cerchiari - USP

O tema deste trabalho é o tratamento dado à mulher feiticeira nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas. Para tanto, nossa análise contemplará o papel da mulher na sociedade galego-portuguesa do século XIII, os arquétipos negativos femininos que resultarão na adoção dos ideais extremos (Eva, a pecadora, e Virgem Maria, a santa mãe de Deus) pelos quais o homem medieval pensa a figura da mulher – levando à sua conseqüente diabolização na Era Moderna –, e a ligação do feminino com a feitiçaria. A relevância desta última no universo das cantigas mostra-se reduzida de forma quantitativa (menos de uma dezena em 428 cantigas satíricas, editadas por Manuel Rodrigues Lapa em *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros galego-portugueses*, que reúne composições de todos os três Cancioneiros conhecidos: o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e o *Cancioneiro da Vaticana*), o que é significativo para mais uma vez desvincularmos da Idade Média o fenômeno da caça às bruxas; mas, formalmente, na

comparação com o tratamento concedido a personagens masculinos dados a práticas mágicas, é possível vislumbrar mais uma faceta do papel da mulher na sociedade medieval galego-portuguesa.

## **O PAPEL DO CONSELHO REAL NA REDEFINIÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DAS COROAS IBÉRICAS EM UNIÃO**

Carlos Augusto Ferreira Figueira - UNIRIO

Filipe II de Espanha, ao receber a Coroa, herdou de seu pai – Carlos V – uma administração combatida pelas décadas de guerra contra a ameaça moçárabe vinda do Sul da Península Ibérica. Mesmo com toda a riqueza proveniente da exploração da América, as condições econômicas e humanas eram precárias. Por isso, sua política foi marcada desde o início pela prudência, tal como expressa o seu codinome original, não atribuído a outro rei – o Prudente. Se optasse pela manutenção das guerras nos moldes empreendidos por seu pai, seguramente teria conduzido à ruína definitiva o que restava do edifício fragilmente construído pelos Reis Católicos. Como resposta à crise, Filipe II redefiniu a organização político-administrativa dos reinos ibéricos a partir da criação do Conselho Real. Contrastando com a tradição pluralista e politerritorial aragonesa, o papel dessa instituição estaria baseado na máxima concentração de poder no vértice da pirâmide hierárquica, irradiando o mínimo possível em direção a sua base. A convivência de formas de poder aparentemente conflitantes – um imperador centralizador e instâncias de poder local forte – fez da monarquia espanhola de Filipe II, em sua composição com o Império Habsburgo, uma importante referência para a compreensão do processo de criação da estrutura burocrático-administrativa do poder na Europa e nas suas possessões do ultramar.

## **“A ESCRITORA IGNORA INTEIRAMENTE A GRAMÁTICA” CECÍLIA ROMANA, SEU *RELATO* E A ORDEM DOS PREGADORES**

Carolina Coelho Fortes - Pem - UFRJ / PPGH - UFF

Já se tornou comum, na historiografia medievalista, o tema da mulher escritora. Não é surpresa, então, que tenhamos dezenas de mulheres que, por uma razão ou por outra, se dedicaram à escrita em algum momento de sua vida durante a Idade Média. E, ainda, dentre elas, existem aquelas que chamam mais atenção, como Hildegarda de Bingen, Christine de Pisan ou Marie de France, devido à sua posição social e/ou a peculiaridade dos temas abordados. No entanto, gostaríamos de tratar de uma dessas mulheres medievais, pouco conhecida e ainda menos estudada: Cecília Cesarini Romana, uma discípula de Domingos de Gusmão, peça importante na fundação das primeiras casas de mulheres dominicanas.

Não é tanto sua vida que nos interessa, mas o relato que deixou sobre os milagres de Domingos. Dito “Relação dos Milagres Operados por Santo Domingo em Roma”, sua data de produção é bastante incerta: algum momento da segunda metade do século XIII. É provável que o tenha escrito um pouco antes de sua morte, em 1290, mas aparece em algumas edições da *Vitae Fratrum*, escrita entre 1256 e 1259. Gostaríamos aqui de levantar algumas questões suscitadas pela obra e norteadas pelos conceitos de gênero e identidade.

## **A NOÇÃO DE ASCETISMO NO LIVRO I DA *DE PHILOSOPHIAE CONSOLATIONE* DE BOÉCIO**

Cleber Duarte Coelho – UFSC

Severino Boécio (480 – 524) possui grandioso valor para a Filosofia, não apenas como autor, mas também como tradutor de alguns pensadores que o antecederam, incluindo Platão e Aristóteles. Foi um grande filólogo e erudito da corte de Teodósio, contudo, foi traído, caluniado e torturado. Em sua obra mais marcante, *De Philosophiae Consolatione*, teve grande importância ao longo de toda a Idade Média, foi uma das obras mais lidas tanto no medievo quanto na modernidade. Nesse artigo pretendo analisar o ascetismo em Boécio, questão norteadora de toda a Filosofia desde os gregos, em Boécio esse aspecto da vida foi enfatizado de modo muito especial, uma vez que, o filósofo busca consolo em sua nutriz (a Filosofia), que o acompanha desde a adolescência, ela é o caminho pelo qual se pode ascender à verdade. A Filosofia promove uma verdadeira ascense em seu discípulo, fazendo-o reconhecer sua própria queda e desvio. Buscaremos evidenciar que há uma ascensão, uma evolução gradativa e cada vez mais presente deste conceito (ascetismo), que, como pano de fundo, perpassa toda a obra. Este breve trabalho buscará

explicitar como principia a mudança de postura de Boécio frente às suas angústias: do inconformismo ao início do consolo. Os primeiros degraus de sua *ascese* retornando à verdadeira pátria. Para isso, deter-me-ei no livro I de sua *De Philosophiae Consolatione*.

### **AS LEIS DE REPRESSÃO À VADIAGEM CONSECUTIVAS À PESTE NEGRA (PORTUGAL – SÉCULO XIV)**

Daniel Tomazine Teixeira – UFF

O século XIV é marcadamente conhecido por dois processos fundamentais que caracterizam a história europeia em geral e a portuguesa em particular: a incidência da Peste Negra (1348), marco principal da inversão da tendência de expansão demográfica auferida nos séculos anteriores; e a crescente centralização dos Estados feudais, em especial o português sob a dinastia de Avis. Visando esboçar um dos níveis básicos da articulação destes dois fenômenos, analisaremos, nesta comunicação, duas importantes determinações régias relativas à mão-de-obra. A primeira, de 1349, ditada por D. Afonso IV se ocupa dos vadios no sentido de garantir a mão-de-obra rural – como expressa no preâmbulo da ordenação. A segunda, a mais completa legislação agrária da época – a Lei das Sesmarias de 1375 –, classifica o vadio como um falso pobre, alguém que dispõe de condições de trabalhar, mas que busca na vadiagem a sua sobrevivência. Trata-se de configurar, portanto, as iniciativas estatais que visavam à regulamentação e o enquadramento da força de trabalho em um período de crise do sistema social e produtivo até então vigente. Longe de querer dar conta de todos os casos, nos dedicaremos ao estudo da repressão à vadiagem neste contexto.

### **A LEGISLAÇÃO VISIGODA DE EURICO A RECESVINTO: UMA ANÁLISE DA NORMATIZAÇÃO SOBRE O COMPORTAMENTO SEXUAL DAS MULHERES VIRGENS, CASADAS E VIÚVAS NO SÉCULO VII**

Danielle Kaeser Merola - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ

A presente comunicação faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Leila Rodrigues da Silva. Nosso objetivo é traçar um histórico da legislação civil visigoda desde sua primeira versão promulgada por Eurico anteriormente ao ano de 480 até a versão de Recesvinto em 654.

Tal conjunto de leis ficou conhecido por *Lex Visigothorum* e sua análise abarcará as leis referentes ao comportamento sexual de três categorias de mulheres: as virgens, as casadas e as viúvas. Suas normas se estenderam à população goda e romana, cujas leis anteriores foram revogadas (o Breviário de Alarico para os romanos e o Código de Leovigildo para os visigodos).

O livro que alude às leis que visam normatizar o comportamento das mulheres citadas anteriormente é o Livro Terceiro do Código de Recesvinto que trata dos assuntos relacionados ao casamento e ao divórcio. Nele estão contidas todas as regulamentações para os casos aqui propostos, com suas manutenções, alterações e, inclusive, novas formulações. Nossa proposta é fazer um panorama histórico da trajetória dessa legislação e verificar aspectos de continuidades e inovações dentro da nova ordem social cristã visigoda.

### **AL-TABARĪ E A HISTORIOGRAFIA ISLÂMICA MEDIEVAL**

Daniele Sandes da Silva - UFF

Durante o Califado Abácida (749-1258 d.C.), o Oriente, especialmente a Cidade de Bagdá, foi palco de uma grande “efervescência cultural” que se iniciou com a fundação em 813-33, pelo Califa Ma'mum, da *Bayt al-hikma*, “Casa do Saber”, que além de grande biblioteca, era também centro de estudos. A língua árabe não era apenas a língua da administração, mas tornou-se também, com a expansão, a língua usada no cotidiano e veículo de expressão de uma literatura promovida por uma elite intelectual. Além da arte e da filosofia, a literatura ganha impulso e um novo escopo: exaltar os grandes soberanos. Além desta importante função, os elementos culturais de novas regiões e povos foram incorporados na poesia, nos livros de *Adab* ou nas obras de cunho narrativo.

A partir do século IX, as obras de caráter historiográfico atingem sua maturidade, culminando

na elaboração de trabalhos como o de Abū Ja'far Muhammad b. Jarīr Al-Tabarī (839-923), intitulado *Ta'rikh al-rusul wa'l-muluk* ou *A História dos Profetas e dos Reis*. Sua monumental obra de 10 volumes pretendia abarcar a história da humanidade e, de acordo com seu autor, de maneira imparcial. A obra que reúne informações oriundas de uma enorme diversidade de documentos, entre esses, alguns já perdidos e as tradições orais, será nesta comunicação objeto principal de nossa exposição, assim como o nascimento e constituição do gênero literário no qual está inserida.

### **AS CARTAS DE PERDÃO NO REINADO DE D. JOÃO II**

Denise da Silva Menezes do Nascimento - USP

Em nosso trabalho nos propomos refletir sobre as práticas do poder régio no que diz respeito aos crimes contra a pessoa, sua honra e reputação em Portugal durante o reinado de D. João II (1481-1495). Entendemos por crime contra a pessoa, sua honra e reputação os homicídios, agressões físicas, incitação à violência, raptos, difamações, insultos e roubo seguido de agressão e/ou morte. Convém ressaltar que a documentação analisada está contida na Chancelaria Régia, repartição responsável pela redação, validação e expedição de todos os atos escritos da autoria própria do rei; a Chancelaria Régia por sua vez se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). A carta de perdão era um diploma através do qual o rei concedia perdão aos seus súditos frente a um crime; o monarca diariamente decretava cartas, umas relativas a um só indivíduo, outras a coletividades, outras ainda a todo o reino. A atuação régia frente a criminalidade não podia prescindir da concessão de perdão para os crimes por nós estudados, posto que podemos inferir que através da remissão, o rei buscava conciliar a necessidade de perdoar e fazer justiça. Assim, para melhor compreendermos a atuação régia frente aos crimes contra a pessoa, sua honra e reputação faz-se necessário um estudo das cartas de perdão que abordam tais crimes.

### **A LEGISLAÇÃO NO REINO VISIGODO (SÉCULOS VI E VII) À LUZ DA LEX VISIGOTHORUM E DO IV CONCÍLIO DE TOLEDO**

Edilaine Vieira Costa - Pem - UFRJ

Após analisar minha fonte para o trabalho monográfico, a Lex Visigothorum, observei mais atentamente que tal conjunto tem relação direta com atas dos concílios toledanos. A partir dessa constatação, passou a me interessar a possibilidade de traçar um paralelo entre estes dois importantes documentos.

Assim, quanto à Lex Visigothorum, pensei em observar a lei acerca das vendas das propriedades eclesiásticas conforme fiz na monografia. Com o referido intuito, o presente texto se norteia pelas atas do IV Concílio de Toledo (633), principalmente no que diz respeito ao Cânone 33 "Que o bispo não tome nenhum bem da Igreja, além da terça parte que lhe cabe".

Outros cânones a serem estudados seriam os 42, 43 e 44, que, respectivamente, dissertam sobre o casamento de clérigos. Faremos uma comparação deste com uma lei contida no IV Título da Lex Visigothorum (sobre o adultério), mais precisamente o capítulo décimo oitavo, que discorre sobre a fornicção dos clérigos.

### **TABUS E PENITÊNCIAS – ESBOÇO DE UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DOS PENITENCIAIS IRLANDESES (SÉCULOS VI-VII)**

Elaine Cristine dos Santos Pereira - UFF

O principal objetivo desta comunicação consiste em apresentar o esboço de uma análise de base quantitativa das principais formas de pecados descritos nos Penitenciais Irlandeses. A sociedade irlandesa, ao longo da Alta Idade Média, apesar da exigüidade das fontes pode ser descrita como uma sociedade essencialmente rural, esparsamente povoada, composta por clãs diversos, configurando um panorama político fragmentado no qual o poder dispersava-se em diversos reinos independentes. Região esta que nunca integrara o "orbis" romano, e que foi alcançada pela religião cristã que se expandia pela Europa Medieval através de ações missionárias no século V, representando o cristianismo na Irlanda neste período uma religião de minorias, situação que experimentaria mudanças paulatinas.

Portanto, foi neste contexto, durante os séculos VI e VII, que foram elaborados os primeiros manuais penitenciais irlandeses, que serviam ao uso dos confessores e que constituem hoje um importante

*corpus* documental ainda pouco explorado nas pesquisas correntes dedicadas à civilização da Alta Idade Média Ocidental. Objetivamos, a partir das inferências quantitativas, identificar as principais condutas e crenças condenadas pela Igreja local, em especial a configuração de verdadeiros tabus de natureza alimentar e sexual, tentando, por fim, analisar os seus possíveis significados sócio-culturais.

**ANDALUZ, PARADIGMA PARA A FORMAÇÃO DE UM HISTORIADOR:  
IBN KHALDUN (1332-1406)**

Elaine Senko - PIBIC- CNPq/ UFPR

O historiador Abu Zaid Ad'ul-Rahman Ibn Khaldun nasceu no primeiro dia do Ramadan, no ano de 732 da Hégira (27 de maio de 1332 de J.C.) em Túnis. O respaldo de sua educação foi o motor de suas atitudes perante os diversos sultanatos em que exerceu as mais variadas profissões, desde escrivão do parafo imperial até Cádi malikita quando Ibn Khaldun encontrava-se sob o mando do sultão do Egito Malik Al-Daher (786 H/1384 J.C.). Nesse artigo será proposta a análise da formação de Ibn Khaldun por meio de sua autobiografia - parte da *Muqaddimah*- e a referência que Al Andaluz ainda representa na vida desse historiador da Baixa Idade Média. Ibn Khaldun foi educado pelo próprio pai Abu Bacr Muhammad (sábio gramático) até a sua adolescência, porém foi a imagem do avô Abu Abd Allah Muhammad que o influenciou a participar da vida política. Além da origem de sua família ser sevilhana, podemos verificar a importância de Al Andaluz como um paradigma para o pensamento kalduniano, pois seus maiores mestres eram originários dessa região.

A política do sultão Abu'l Haçan, o conflito de Cairuão em que o povo de Túnis ameaçava os partidários do poder e o martírio da Peste Negra (749H/1348 J.C.) são elementos do seu contexto. O prestígio nas cortes árabes de sábios andaluzes e o olhar de Ibn Khaldun, que tendo por mestres esses mesmos sábios, soube recorrer por vezes à militância exemplar de seu avô ou ao desejo constante de seguir os caminhos da erudição, evidenciam também sua ligação com a ação e com o saber do seu tempo.

**RAMON LLULL E O SEU PROJETO PARA A CONVERSÃO DOS INFIÉIS NO LIVRO DA  
PASSAGEM (1292), NO LIVRO DO FIM (1305) E NO LIVRO DA  
AQUISIÇÃO DA TERRA SANTA (1309)**

Eliane Ventorim - IBFCRL - CESAT - UFES

Somente na última década do século XIII, quando o ideal primitivo das Cruzadas já estava distante do pensamento ocidental, Ramon Llull iniciou seus escritos sobre a conversão dos infiéis e a reconquista da Terra Santa. Provavelmente, o que o motivou, foi queda do último território latino no Oriente, São João de Acre em 1292, esse fato causou grande desolação entre os religiosos da Europa Ocidental que viam como uma espécie de punições pelos pecados e rivalidades entre cristãos a causa da expulsão dos cristãos das Terras de Ultramar. Ramon Llull, em sua proposta de conversão e cruzada, deu maior importância à conversão dos muçulmanos, não desprezando é claro, a necessidade de converter os judeus, os tártaros e os cismáticos. O projeto se realizaria por um método particular, a *Arte*, uma ciência capaz de demonstrar de forma lógica e racional a verdade da fé cristã para destruir os erros dos infiéis. Três obras do filósofo maiorquino são fundamentais para entendermos esse projeto o *Livro da Passagem*, o *Livro do Fim* e o *Livro da Aquisição da Terra Santa*. Nessas obras o filósofo destaca as duas formas de abordagem entre os infiéis, a *cruzada espiritual* e a *cruzada corporal*. A proposta principal era que a conversão fosse feita pelo diálogo sem o uso da força, mas caso os islâmicos resistissem ao diálogo à utilização da força seria possível para forçá-los a dialogar mesmo que fosse no cárcere. A cruzada espiritual se iniciaria pela constatação de que muitos elementos do credo islâmico são semelhantes ao credo cristão, em seguida, a disputa se faria com o objetivo de provar a verdade da Trindade e da Encarnação, dogmas católicos que não são compreendidos e nem aceitos pelos muçulmanos.

**A LITERATURA POPULAR COMO CRÍTICA SOCIAL: EULENSPIEGEL,  
UM MALANDRO NO SACRO IMPÉRIO**

Elzi Helene Monjardim Amigo - UFRJ

*Till Eulenspiegel* consiste em um Volksbuch – novela popular – datado do séc. XVI, período em que o Sacro Império Romano-Germânico passava por uma fase na qual a ordem do dia instava mudanças.

Este, que deixou de ser feudal com grande atraso histórico com relação aos demais impérios europeus, possuía seu poder político descentralizado, enquanto toda a sociedade européia rumava a passos largos para o capitalismo. As mudanças de valores políticos, morais e religiosos eram iminentes e indomáveis; a sociedade, contudo, permanecia mascarada por estamentos intransponíveis. Paralelamente a isso, esta mesma sociedade, que tinha sua posição social “pré-determinada por Deus”, via crescer a nova classe de trabalhadores livres, que obtinha cada vez mais espaço nessa sociedade e que tinha, com isso, cada vez mais importância econômica para a mesma. Dada tal contextualização, a presente pesquisa objetiva apontar, a partir da obra *Till Eulenspiegel*, as críticas geradas pela insatisfação das camadas menos favorecidas com relação à estrutura social de sua época. Para tanto, a figura de Eulenspiegel será aqui comparada à de um grande bobo da corte, entendendo-se que este servia como uma espécie de espelho (*Spiegel*, em alemão) no qual a sociedade refletia o seu ridículo para corrigir-se.

### **CRISTIANISMO E PAGANISMO NA *CORREÇÃO DOS RÚSTICOS* (c. 574) DE MARTINHO DE BRAGA**

Fabírcia Giuberti dos Santos – UFES

A proposta desse trabalho é analisar a pregação de São Martinho de Braga aos camponeses, chamados de rústicos, particularmente as alusões que o bispo bracarense faz em relação à mitologia greco-romana. Em seu discurso, Martinho admoesta os novos crentes e aqueles mais antigos na fé a permanecerem em Cristo e abandonarem as antigas práticas pagãs. Faz alusão a Netuno, Vênus, Minerva e vários outros deuses romanos, relacionando suas estórias com a teologia católica. Em sua visão, Martinho afirma que todos são diferentes manifestações demoníacas. O sermoneiro argui a platéia, mais do que ouvir, a faz refletir e introjetar a verdade. O discurso é a inflexão da própria narrativa, e mantém uma perspectiva didática, reforçada pelos exemplos concretos. Ademais, também trataremos dos indícios que o autor dá a respeito das práticas pagãs (como augúrios, adivinhações e a observação dos dias de cada deus pagão). Para isso, utilizaremos como base teórica as considerações de Jean Lauand sobre a natureza popular dos sermões medievais pois, segundo esse autor, a pregação medieval possuía características de forma muito mais próximas da linguagem cultural do homem do campo.

### **“DEUS O QUER” : O DISCURSO DE URBANO II E A FORMAÇÃO DA 1ª CRUZADA**

Flávia Rocha do Nascimento - Pem - UFRJ

A presente comunicação visa apresentar as primeiras reflexões vinculadas à pesquisa que objetiva a redação de nossa monografia de final de curso. Essa pesquisa é parte integrante do projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, elaborado e coordenado pela Profa. Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, e está vinculada ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Em nosso trabalho, vamos apresentar e analisar alguns dos elementos presentes no discurso do Papa Urbano II durante o Concílio de Clermont, realizado em 1095, segundo a versão transmitida por Fulquerio de Chartes. Esse concílio deliberou sobre a realização da primeira cruzada, conhecida também como Cruzada dos Nobres, pois não teve a participação de nenhum rei. Tal discurso apresenta um apelo feito a todos, pobres ou ricos, sem distinção, elaborado com o intuito de convocar os cristãos a expulsarem os “infiéis”, na sua maioria mulçumanos, da Terra Santa, visando proteger os peregrinos que fossem ao Oriente e cujas viagens se tornavam cada vez mais perigosas. Urbano II garante ainda a indulgência plena para aqueles que aceitassem a missão e colocava sob a proteção da Igreja as propriedades desses futuros cruzados. Em nossa comunicação, objetivamos analisar esse discurso à luz das disputas de poder tanto locais, entre os nobres, quanto a universal, entre a Igreja e o Império.

### **UM SUBSTRATO ANGLO-SAXÃO NA INGLATERRA NORMANDA: *KING HORN* OU A SAGA DE UM CAVAL(H)EIRO-GUERREIRO**

Gabriela da Costa Cavalheiro - UFRJ

*King Horn*, romance em inglês médio, transcrito em meados do século XIII e de autoria anônima, narra as aventuras e desventuras do jovem príncipe Horn, enquanto parte de seu processo de amadurecimento e de sua inserção no mundo caval(h)eiresco-cortês. Vinda de uma trajetória oral, a narrativa – inserida num grupo de romances denominado pela tradição literária inglesa de Matéria da

Inglaterra – retrata temas recorrentes na cultura anglo-saxã, cujo auge se deu nos séculos anteriores à época de transcrição do romance. Logo, o que podemos observar num primeiro momento, é um discurso literário que (re)elabora elementos remanescentes da cultura anglo-saxã numa época de pleno domínio normando no território insular. Pretendemos, a partir de uma análise do referido romance e de sua personagem-título, bem como do contexto histórico-cultural do reino inglês no século XIII, problematizar a produção literária em inglês desse período – no que concerne ao gênero romance – e sua relação com os ideais cortesões em voga na época, cuja transmissão se dava principalmente através da literatura. Tencionamos, através desse trabalho, traçar uma relação entre as possíveis representações do caval(h)heiro-guerreiro ideal e a “realidade das práticas sociais” especialmente no caso desses romances, devido à sua grande popularização e aos modelos por eles disseminados, o que torna, dessa forma, *King Horn* como obra emblemática desse gênero literário.

### **BERNARDO DE CLARAVAL E GONZALO DE BERCEO: INTERTEXTUALIDADE, GÊNERO E MARIOLOGIA MEDIEVAL**

Guilherme Antunes Júnior - Pem - UFRJ

Gonzalo de Berceo é autor do poema *Aquí Escomiienza El Duelo Que Fizo La Virgen Maria El Dia De La Pasion De Su Fijo Jesuchristo*, escrito em La Rioja, Reino de Castela, no século XIII. Nesta obra, Berceo narra a paixão de Cristo a partir da óptica mariana. Um dos personagens do poema é o monge cisterciense Bernardo de Claraval, possível autor do sermão *De Aqueducto*, escrito na França, no século XII. Por esse e outros motivos, alguns medievalistas afirmam que o poeta riojano se apropriou das preposições mariológicas de Bernardo de Claraval. Na comunicação que apresentaremos, o nosso objetivo é refletir sobre como é apresentada a figura de Maria em ambas as obras, bem como são construídos os discursos acerca das relações de gênero. Para tal, utilizaremos as teorias desenvolvidas pela autora estadunidense Joan Scott. Trabalharemos também em perspectiva comparada, através das linhas teóricas de Kocka, para verificarmos diferenças e similitudes entre os dois autores.

Esse artigo está vinculado ao Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e compreende parte de minha monografia de final de curso.

### **D. JOÃO I “O MESSIAS DE LISBOA.” (O DISCURSO POLÍTICO COMO ESTRATÉGIA DA PROPAGANDA RÉGIA, NA CRÔNICA DE FERNÃO LOPES. PORTUGAL SÉCULOS XIV-XV)**

Helena R. Matheson -UFF

Esta comunicação objetiva abordar algumas estratégias discursivas utilizadas pelo autor da crônica de D. João I, Fernão Lopes, visando o realçamento e a afirmação da nova casa dinástica e linhagem régia portuguesa de Avis. Articula-se no plano do imaginário, a construção do modelo ideal que se deseja\_ o escolhido para salvar o reino português, é o *Messias de Lisboa*.

Toma-se como referência neste trabalho, destacar o discurso da propaganda, que serve aos interesses políticos. No discurso da narrativa, o autor precisa justificar a escolha do Mestre de Avis aclamado como rei, (ainda que bastardo) para assumir a liderança da revolta, antes que o Rei, invasor espanhol, o faça.

Dentre as estratégias discursivas inseridas na narrativa, destacamos como relevantes para a construção da imagem régia citações às *escrituras bíblicas*, o *pregão* como uma das formas para veicular os acontecimentos através dos espaços públicos do reino. O autor apresenta ainda, o recurso da *comparação*, no discurso da sua crônica, entre o Mestre de Avis “Messiânico” e Jesus, o Mestre, inserindo em seus relatos, a possibilidade de um rei Salvacionista para Portugal.

### **SOBRE AS ORIGENS DE UM GÊNERO POÉTICO MEDIEVAL: A PASTORELA**

Henrique Marques Samyn - UERJ

Trata-se de apresentar e discutir as diversas hipóteses em torno das origens da pastorela, gênero poético medieval que emerge, em sua forma prototípica, no século XII, na obra do trovador provençal Marcabru (mais especificamente, na composição *L'autrier jost'una sebissa*). Diferentes estudiosos do assunto apresentaram conjecturas diversas, algumas vezes contraditórias, em torno dessa questão, ora enfatizando

postuladas origens relacionadas à tradição poética latina, ora ressaltando influências de natureza folclórica ou popular. Faz-se necessário, não obstante, considerar que a pastorela possui, mais provavelmente, não uma, mas diversas fontes, cabendo reiterar a determinante influência proveniente da tradição cristã, responsável pelo conteúdo moralizante das pastorelas construídas consoante o referido modelo inaugurado por Marcabru. Ademais, expandindo-se a análise para o âmbito sociocultural em que emerge o gênero poético em questão, à guisa de uma investigação que lance mão também de elementos relevantes extra-textuais, cabe destacar a possibilidade de aproximar-se a problematização ética presente nas pastorelas do modelo de sujeito moral que surge no início do século XII, cuja representação mais conhecida está na “Ética” de Abelardo.

## O CONVÍVIO ENTRE A POESIA E A FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

Hudson dos Santos Barros - UFRJ

O objetivo desta comunicação é mostrar como se estrutura a relação entre poesia e filosofia em Dante Alighieri no início do século XIV. No *Convívio*, Dante torna a poesia uma ferramenta filosófica por excelência. Essa obra mescla a ordenação sistemática do tratado e a força rítmica dos versos. São quatro tratados (inicialmente foram previstos quatorze) que tem como objetivo servir um manjar (*cibo* ou *vivanda*) para todo aquele que vê no conhecimento o alcance da felicidade. Excetuando o primeiro, que serve de introdução, os tratados são compostos por uma *canzone* e um desenvolvimento em prosa do assunto tratado na poesia. No segundo e terceiro tratado, Dante explica que as *canzoni* falam de dois assuntos paralelos: do amor por Beatriz e pela filosofia (sabedoria), que foi “companheira” do poeta após a morte da amada em 1290. No último, o objetivo é diverso: Dante diz que deixará as rimas de amor, a fim de tratar da verdade sobre o conceito de nobreza.

É, portanto, partir do tema do amor à sabedoria e do conceito de nobreza que se mostrará como essa filosofia poética de Dante se desenvolve e estabelece um diálogo com uma tradição anterior (tanto poética quanto filosófica) ao período medieval. Para a realização desse diálogo, serão realizadas também breves referências a Parmênides e a Aristóteles.

## RELIGIOSIDADE E IMAGEM NOS BEATOS

Iracema Andrade de Alencar - Pem- UFRJ

O uso da iconografia nos estudos históricos é um instigante desafio para os pesquisadores. Nos trabalhos atuais, a imagem saiu do lugar complementar do texto para ocupar um espaço de protagonista. É cada vez maior o número de análises do uso social da imagem, identificando as múltiplas representações que os indivíduos fazem de si e dos outros. Nesta perspectiva, a imagem se torna objeto constituinte de uma rede simbólica permeada de elementos identitários.

Com este olhar, além de ampliarmos as questões teóricas concernentes à aplicação da imagem no campo historiográfico, analisaremos o corpus imagético da obra *Comentario al Apocalipsis*, de Beato de Liébana, produzido a partir da tradição de suas cópias. O Comentario al Apocalipsis foi produzido na Península Ibérica na segunda metade do século VIII, inserido no contexto da questão do adocionismo, mas, devido a importância de suas imagens, a obra superou seu objetivo inicial e foi copiada durante séculos.

Em nossa análise priorizaremos dois aspectos importantes: o primeiro deles é a dinâmica das representações do fim do mundo na Península Ibérica através dos séculos X ao XIII; e o segundo é a influência, a partir do século XIII, da visão trinitária do mundo na construção da identidade religiosa. Essa visão trinitária do mundo estará diretamente relacionada com o declínio nas cópias dos beatos, como veremos ao longo de nosso trabalho.

## O MODELO DE REI CRISTÃO PERFEITO: ARTHUR NA *HISTORIA REGUM BRITANNIAE*

Isabela Dias de Albuquerque - UFF

Nesta comunicação será estudada a construção das representações do Rei Arthur veiculadas na obra *Historia Regum Britanniae* – escrita provavelmente entre os anos de 1135 e 1139 – do monge Geoffrey de Monmouth. Os predicativos em relação ao monarca que figuram em tal obra remetem-se a um



monarca bom, justo, generoso, defensor da fé cristã, dentre outros. Especula-se a possibilidade de vinculação do mito do Rei Arthur à monarquia normanda, que subiu ao trono inglês com Guilherme I, duque da Normandia, no ano de 1066.

Analisar-se-á ainda a eficácia das narrativas deste mito a partir da circulação e recepção do texto em toda a Europa – o que pode ser percebida por um número considerável de narrativas sobre o monarca em questão – concluindo que esta construção ideológica serviu como referência para muitas monarquias medievais.

O suporte teórico foi elaborado a partir da concepção de mito de Mircea Eliade e da própria noção da ideologia duméziliana das três ordens, estudada por Georges Duby. No caso das relações entre a literatura no período medieval e a oralidade, a perspectiva trabalhada será de Paul Zumthor.

## **HISTÓRIA E POESIA NA INGLATERRA ANGLO-SAXÔNICA: POR UM ESTUDO COMPARATIVO DE FONTES LITERÁRIAS DO ANTIGO INGLÊS**

Italo Papi da Costa - UFRJ

Com o intuito de buscar uma maior aproximação e conhecimento do período anglo-saxônico na Inglaterra dos séculos V-XI, este trabalho apropria-se de três dos cinco poemas heróicos deste período, a saber: *The Finnsburh Fragment* (século VIII), *The Battle of Brunanburh* (século X, 937 d.C.) e *The Battle of Maldon* (século X, 991 d.C.). Faz-se necessária a utilização de fontes literárias para a análise de um determinado período histórico (especificamente o período anglo-saxônico), no caso os poemas acima citados em *Old English*, com suas versões Inglês Moderno. Tencionamos, então, discorrer de forma interdisciplinar acerca do grau de convergência e divergência entre os conceitos de verossimilhança poética (Aristóteles) e de “verdade(s)” historiográfica(s) com vistas a um enfoque mais preciso do nosso tema de pesquisa. Em um segundo momento, pretende-se apresentar as mais importantes características formais desses poemas heróicos em Antigo Inglês, quais sejam, os kenningar e as aliterações. Nosso propósito consiste em abordar tais temáticas, ainda pouco exploradas no cenário acadêmico brasileiro, a fim de demonstrar uma possível estreita relação entre os textos literais e seus artifícios poéticos e sua inserção como fonte de estudo historiográfico.

## **O VIR ILLUSTRE NOS ESCRITOS DE QUINTUS AURELIUS SYMMACHUS EUSEBIUS**

Janira Feliciano Pohlmann - UFPR

Desde o período clássico as virtudes são utilizadas para caracterizar os grandes governantes em contraposição aos vícios dos usurpadores. Ao longo dos séculos, os historiadores se aproveitaram de inúmeras idéias morais e políticas para construir discursos legitimadores. Plutarco considerava Alexandre Magno portador da piedade, da continência e de moderação. Otávio Augusto é tido como modelo de clemência e também de moderação por Suetônio. Acreditando na permanência desta tradição greco-romana, neste trabalho procuramos entender o conceito de ilustre destinado por Quinto Aurelio Símaco Eusebio a importantes homens mencionados em seus *Informes*, *Discursos* e em suas *Cartas* (Livros I – V). O que levou este autor a tratar aquelas personagens como ilustres? Lembremos que a tradição legítima o poder, mas as novas idéias se mesclam às antigas para compor um novo quadro social. O contexto modifica o significado das próprias palavras e no caso das virtudes, sua acepção também foi transformada ao longo dos tempos. No momento em que diversos conceitos antigos começavam a ser utilizados para corroborar textos cristãos, o político da Antigüidade Tardia expõe estes assuntos sob o modo de pensar de um neoplatônico. Em um período de grandes transformações, a análise dos discursos de Símaco, bem como das expressões neles documentadas, nos auxiliam a compreender mais detalhadamente as mudanças morais, políticas e sociais ocorridas no decorrer dos séculos IV e V.

## **O DISCURSO ANTONIANO E SUA LIGAÇÃO COM OS BESTIÁRIOS MEDIEVAIS: O RINOCERONTE**

Jefferson Eduardo dos Santos Machado - Pem - UFRJ

Antônio de Lisboa/Pádua foi o primeiro mestre de teologia das Ordem dos Frades Menores e um dos grandes expoentes da missão de pregação contra os cátaros, implementada pela Igreja, a partir da terceira década do século XIII, na região que hoje conhecemos como sul da França. Para que os franciscanos conseguissem desempenhar tal tarefa, atribuída a eles pelo papado, de forma satisfatória e

eficaz, o frade escreveu uma obra sermônaria que tinha como principal objetivo o auxílio aos pregadores. Tal obra constituía-se de roteiros para elaboração dos sermões de cada missa dominical seguindo o calendário litúrgico romano, além de algumas festas religiosas. Frei Antônio, como era característico em um homem medieval, compreendia o mundo ao seu redor a partir de uma visão simbólica. Um dos grandes receptáculos desta realidade simbólica eram os bestiários medievais, obras que tinham como conteúdo principal a descrição simbólica das características físicas e comportamentais dos animais, sendo eles reais ou imaginários.

Nossa comunicação terá como objetivo principal a análise da utilização das narrações simbólicas dos bestiários nos sermões de frei Antônio. Para isso, estaremos utilizando as citações feitas por ele sobre o rinoceronte, buscando entender que ensinamentos morais e doutrinários ele queria passar para a Cristandade Ocidental.

### **PORTUGAL, *TERRA DE SANTA MARIA*: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE DEVOÇÃO A VIRGEM (SÉCS. XII-XV)**

João André de Araújo Faria - UFRRJ

Em nossa apresentação buscaremos discutir aspectos de devoção a Virgem Santa Maria nos primeiros séculos de História do Reino de Portugal. Conhecido também como *Terra de Santa Maria*, Portugal possui documentada em sua história a intervenção constante de Cristo, da Virgem e de diversos santos (a tradição popular em Portugal indica, inclusive, que nenhum outro reino da Cristandade teria tantos santos e mártires quanto o reino de Portugal) – aparições e benções que alimentam a representação de “povo eleito” encenada piedosamente pelos povos e reis portugueses. Nosso objetivo consiste em apresentar algumas reflexões sobre a devoção a Santa Maria por parte dos reis portugueses, notadamente aquelas que se correlacionam com importantes momentos da história política e da soberania do reino ibérico, vítima da temerária expectativa de seus povos de ser anexado por Castela, o grande reino cristão da Península Ibérica. Assim, refletiremos sobre a apropriação da devoção como elemento de legitimação de monarquia, sob dois aspectos: Os relatos de milagres atribuídos a Virgem pela causa da monarquia portuguesa, notadamente a tutela de Santa Maria pelos monarcas, e a construção de uma memória da relação de Portugal com a Virgem Santa Maria, que permita afirmar o discurso oficial, e este coadunar-se com as esperanças e sentimentos de devoção dos povos portugueses.

### **MONARQUIA AVISINA E REGULAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM PORTUGAL**

João C. L. de Carvalho - PPGH - UFF

Em meio a um processo de afirmação régia que se reforçou, principalmente, a partir do século XIII, o Estado português sofreu uma série de revezes político-econômicos – além de surtos de Peste Negra – ao longo da segunda metade do século XIV, que culminariam com o interregno de 1383-1385 e a ascensão da dinastia de Avis. É possível verificar, a partir de então, um esforço da monarquia – nos reinados de D. João I e de seu filho D. Duarte – de reestruturação do Estado. Com o período inicial da dinastia de Avis marcado por um alargamento do alcance da soberania monárquica, sua autoridade ia lentamente se impondo sobre a posição privilegiada da aristocracia portuguesa. A estrutura estatal começava a apontar para uma ascendência régia sobre outras esferas de poder, ainda que não desvinculasse os reis de sua posição de suserania feudal, descartando a existência de grandes rupturas no período. A ação da monarquia, que visava à extensão do poder, ampliando o controle sobre várias de suas esferas, não descartava, portanto, a existência, e até mesmo uma parceria com as forças centrífugas representadas pela aristocracia rural. Havia, nos séculos XIV e XV a sobreposição de elementos de *permanências feudais* e medidas administrativas contrárias à fragmentação política do período medieval. Buscamos analisar, nesta apresentação, as tensões das relações entre a monarquia e aristocracia em Portugal, enfatizando o papel mediador que a primeira exerce na sociedade portuguesa, apropriando-se, inclusive, de um dos pressupostos fundamentais da existência aristocrática: o controle do exercício da violência.

### **ASPECTOS DA ABRANGÊNCIA DA ATUAÇÃO EPISCOPAL NA PENÍNSULA IBÉRICA**

João Fernando Silveira Corrêa - Pem – UFRJ

Durante a primeira metade do século VII a Igreja na península Ibérica experimenta um momento de certa prosperidade, consequência da recente conversão dos visigodos ao cristianismo de Nicéia. Com a

anexação das possessões suevas pelos visigodos e a freqüente realização de concílios, a incipiente instituição é fortalecida, incrementando o seu prestígio dentro do reino visigodo. Os altos quadros eclesiásticos então eram ocupados em sua maioria por integrantes tanto da aristocracia hispano-romana como da visigótica, cada vez mais próximas e que desfrutavam de grande poderio político e econômico. Desta maneira a influência do bispo está longe de restringir-se apenas aos ambientes religiosos, fazendo com que a figura deste transite de forma constante entre as esferas de poder visigoda, tornando sua atuação muitas vezes ambígua aos interesses da própria Igreja. Evidências podem ser encontradas nas atas conciliares, em que medidas que buscam evitar abusos e desvios por parte do corpo episcopal são freqüentes.

Neste trabalho procuraremos relacionar indícios presentes na atas do IV concílio de Toledo com a atuação episcopal que vão em direção contrária aos interesses institucionais, em outras palavras, quando interesses alheios, sejam individuais ou de grupo, se contrapõem à lógica interna da Igreja.

## **O CONCÍLIO DE CONSTANÇA (1414-1418) E A CONDENAÇÃO DE JOÃO HUS**

João Henrique dos Santos - - UGF / PPCIR-UFJF

O Concílio de Constança, realizado de 1414 a 1418, foi dos mais marcantes da história da Igreja, não somente pela existência de dois antipapas quando de sua convocação como também pelas importantes decisões que nele foram tomadas, dentre as quais o fim do Grande Cisma do Ocidente, a rejeição do conciliarismo (a prevalência conciliar sobre a autoridade papal) e a condenação das idéias de João Wycliff, João Hus e Jerônimo de Praga, consagrados pela historiografia como os precursores da Reforma Protestante. Um aspecto importante desse Concílio é que sua tentativa de reunificação da Igreja, após as décadas de divisão entre o Papa de Roma e os Antipapas de Avignon, embora tenha tido alguma eficácia para os círculos eclesiásticos, deixou bastante patente para a população que não se poderia por muito tempo ainda falar de “igreja una”. Passando ao largo das demais decisões conciliares, esta comunicação visará a apresentar a questão da condenação das idéias de João Hus, visto estas terem repercutido de modo especial no V Concílio de Latrão, realizado um século após o de Constança, assim como nas refutações que os defensores da posição da Igreja Católica usavam contra Martinho Lutero, acusado por estes de ser um seguidor das idéias de João Hus, “as quais já foram condenadas no Concílio de Constança”.

## **O PODER ECLESIÁSTICO E CIVIL DOS BISPOS MEROVÍNGIOS NO SEXTO SÉCULO**

João Paulo Charrone - CAPES / UNESP (Assis)

Nessa comunicação discutiremos sobre os poderes dos prelados merovíngios, uma vez que desde a dissolução do Império Romano eles dispunham de poder, das riquezas e de prestígio. Desta forma, percebemos que no período de transição da Antigüidade para a Primeira Idade Média (séculos IV-VIII) os bispos tornaram-se chefes polivalentes, as suas funções eclesiásticas agregaram-se funções cívicas. Assim, consideramos que eles formaram um grupo que conseguiu manter e aumentar seu poder e autoridade não apenas em nome deles mesmos e de suas famílias aristocráticas, mas igualmente em nome de seu ofício. Dentro do papel civil destacaremos os seguintes ofícios: a administração dos bens e da propriedade da Igreja merovíngia, o governo municipal (trabalhos de utilidade pública), seus privilégios legais e sua participação no sistema jurídico merovíngio. Dentro do papel eclesiástico ressaltaremos as seguintes funções: o controle dos sacramentos, da religião e da virtude curativa (especialmente o controle das relíquias). O domínio episcopal desse sistema de crenças e comportamentos era um modo perfeitamente plausível de controlar eventos e contingências cotidianas. Por tudo isso podemos afirmar que ele era o líder espiritual e temporal da comunidade em que estava inserido.

## **O BEATO E OS *BEATOS*: A PAIDÊUTICA DO APOCALIPSE**

João Rafael Chió Serra Carvalho - USP

São Beato, monge cantábrio, *inclusus* do monasterio de São Martinho de Turieno (atualmente monasterio de Santo Toribio de Liébana), foi o autor de um dos mais importantes comentários sobre o Apocalipse na Alta Idade Média, obra de grande importância religiosa e política na península ibérica. O alcance desse tomo iria ultrapassar em várias centúrias o momento de sua urdidura. Nesta presente

comunicação, iremos trabalhar as relações entre a grande obra de Beato, os seus *Comentaria* e o grupo de manuscritos dos séculos X e XI, chamados comumente de *beatos* (manuscritos estes ricamente ilustrados com detalhadas iluminuras). Ao analisarmos a imagética de tais manuscritos abriremos uma janela privilegiada para a compreensão da função catequética e paidéutica dos mesmos. É a inserção do texto original no contexto do feitiço do grupo de manuscritos que nos demonstra a perenidade bem como a importância do argumento escatológico – como necessidade do renascimento do mundo – e da esperança parúsica – que surge enquanto momento máximo da fé, mistura de *mysterium tremendum* e *mysterium fascinans* que apela ao *homo religiosus* de forma inigualável.

### **A ASCENSÃO E IDEOLOGIA DA ARISTOCRACIA MILITAR BIZANTINA**

João Vicente de Medeiros Publio Dias - UFPR

Durante os séculos VII e IX, acontece, no Império Bizantino, um processo de reorganização administrativa, tributária e militar. As forças armadas, que eram extremamente centralizadas, passaram, depois das invasões árabes e a conseqüente perda de metade do Império, a ser redistribuídas por todo território restante, principalmente na Ásia Menor. Região que sofria mais com os ataques árabes. Conseqüentemente, as províncias bizantinas foram subdivididas conforme onde tais exércitos estavam acampados e nomeadas de *themas*. E esse *themas* passa a ser acoplado ao sistema de recrutamento militar, isto é, o camponês, em troca de isenções fiscais, serve no exército provincial. Sistema esse chamado de *strateia*. Apesar de que os objetivos dessa reforma tenha de fato sido alcançado, ela resulta na ascensão e consolidação de uma elite de ares aristocráticos, extremamente militarizada, que valorizava a linhagem e possuía largas faixas de terra. Tais linhagens tinham uma história em comum: fundadores de origem obscura, que se destacavam através da atividade militar. E seus descendentes também utilizam o exercito e alianças com outras famílias da mesma origem para se lançarem na política. E tal ascensão era cimentada por uma construção ideológica, baseada em valores marciais e numa suposta antiguidade sanguínea. E tal ideologia pode ser achada em duas fontes acima mencionadas: as canções akricas e o *Strategikon* de Cecaumenos. Fontes completamente diversas em estilo, a primeira é um gênero épico e o outro em livro de conselhos, porém os dois são resultado de um mesmo contexto aristocrático. Assim esse trabalho propõe observar as idéias expressas nessa documentação para o estudo do pensamento e auto-imagem dessa elite.

### **HERDEIROS DE SÃO BENTO NA AMÉRICA PORTUGUESA: PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO NO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO**

Jorge Victor de Araújo Souza - CNPq / PPGH - UFF

Em 1581, no quarto Capítulo da Congregação do Mosteiro de São Bento, realizado em Lisboa, ficou decidido que seriam mandados monges para a cidade de Salvador, onde fundariam o primeiro mosteiro na América portuguesa. No mesmo século, outros mosteiros foram instalados além-mar. Localizado em um monte rente à Baía de Guanabara e de frente para a Ilha das Cobras, o mosteiro do Rio de Janeiro, dedicado inicialmente a Nossa Senhora da Conceição e, posteriormente, colocado em devoção a Nossa Senhora de Montesserrate, foi instalado em 1590 e elevado à abadia em 1596. Este trabalho tem como objetivo principal a análise do processo de ressocialização que o candidato a monge sofria ao entrar num mosteiro, ou seja, o período de noviciado. Acompanharemos grupos de noviços no mosteiro do Rio de Janeiro e a maneira como lidaram com a entrada em uma comunidade regida por uma regra milenar (Regra de São Bento, séc. VI). Desde a Idade Média, havia duas formas de se tornar um monge beneditino: uma era como “irmão do coro”, a outra era como “irmão converso” ou donato, onde após um tempo de trabalho no mosteiro o indivíduo era chamado a fazer parte da comunidade. Este trabalho irá tratar da primeira forma de admissão. Tentaremos observar as contradições entre “o vivido” e o normativo.

### **AMADIS DE GAULA O CAVALEIRO PERFEITO**

Katiuscia Quirino Barbosa - UFF

O *Amadis de Gaula* é uma obra literária medieval produzida na Península Ibérica cujos primeiros manuscritos datam do final do século XIV. Trata-se de uma novela de cavalaria construída a partir do ciclo romanesco conhecido como *Matéria da Bretanha*, cuja autoria e a nacionalidade são ainda hoje

desconhecidas. A novela obteve grande voga somente no século XVI, a partir do ano de 1508, quando Garcí Rodriguez de Montalvo publicou, na cidade de Zaragoza, a primeira versão impressa da obra. A obra, se apresenta deslocada em seu tempo se comparada com às outras novelas de cavalaria, entretanto o *Amadis de Gaula* corresponde a certas expectativas ibéricas, ligando-se, sob muitos aspectos, ao contexto peninsular do final da idade média. Seria, adequado apontar o caráter paradigmático e estruturante da obra, cuja análise não deve deslocar-se dos aspectos sócio-imaginários da nobreza baixo medieval.

O objetivo principal dessa comunicação é identificar a partir da análise dos modelos ideais de cavaleiros veiculados na obra *Amadis de Gaula*, traços de uma cavalaria especificamente ibérica do final da idade média. Dessa forma pretende-se apontar os elementos que tornaram a obra tão popular no mundo ibérico do século XVI. Isso será feito através de métodos de análise do discurso.

### **A IGREJA MEDIEVAL E A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO: ENTRE GREGÓRIO VII, MAX WEBER E PIERRE BOURDIEU**

Leandro Duarte Rust - PPGH - UFF

Os estudos medievais brasileiros, mantendo-se firmes no encaço da perspectiva interdisciplinar delineada pela assim conhecida terceira geração dos *Annales*, atribuíram à antropologia o papel de um de “interlocutor privilegiado”, como destacou certa vez Jacques Le Goff. Contudo, o ramo das ciências sociais conhecido como “Sociologia da Religião” tem conquistado crescente importância como fio condutor das incursões investigativas de um grande número de pesquisadores junto a civilização medieval. É a consolidação deste *front* teórico-metodológico em meio à escrita da história medieval produzida em terras brasileiras tem na repercussão das obras de Pierre Bourdieu um de seus principais estímulos e pontos de sustentação. Este trabalho tem por objetivo tomar parte do debate acerca do caminho trilhado pelos estudos medievais brasileiros. Este estudo pretende discutir algumas possibilidades de emprego da sociologia da religião - especialmente em seu teor bourdieuriano - na análise da igreja medieval, e isso por meio da seguinte estratégia de abordagem: partir, por um lado, da investigação da adequação de alguns de seus instrumentos teóricos e conceituais para o estudo do papado medieval entre os anos de 1049 e 1085 e, por outro, realizar um breve exame crítico das implicações decorrentes de alguns fundamentos epistemológicos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, o que implica sobremaneira em retomar o pensamento de Max Weber.

### **A CRUZAMENTO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO NA TEMÁTICA DO AMOR CORTÊS**

Ligia Cristina Carvalho - UNESP (Assis)

Por ter sido elaborado dentro de uma sociedade religiosa cristã medieval, que tem a Bíblia como paradigma e a Igreja como norteadora espiritual e comportamental, pelo menos desde o século V, o amor cortês caracteriza-se pela tensão dos contrários que marca tão singularmente o perfil histórico e cultural da Idade Média. Para Santo Agostinho, que procurou fundir conceitos neoplatônicos e cristãos, o amor eleva o indivíduo à verdade, ao conhecimento unitivo de Deus, das verdades ocultas nas Escrituras.

Em conformidade com a idéia de Santo Agostinho, o amor cortês era tido como fonte de todo o bem, a raiz de todas as virtudes. Entretanto, na literatura cortês, não era o conhecimento de uma verdade transcendente que se consegue com o amor, mas um enobrecimento do próprio ser em sua realidade terrena e, além disto, este amor não se dirige a Deus, mas ao próximo de sexo oposto.

Nesta comunicação, procuraremos discutir o cruzamento entre o sagrado e o profano, entre o plano espiritual e o terreno, na temática do amor cortês. Assim, utilizando exemplos extraídos dos *Lais* de Maria de França, do *Tratado do Amor Cortês* de André Capelão e da versão alemã de *Tristão e Isolda*, de Gottfried von Strassburg, demonstraremos que o amor cortês, apesar de seu aspecto profano, contendo um feitiço sensual e erótico, possui uma faceta espiritualizada, o que faz com que esta nova representação do amor não se distancie de todo do sagrado.

### **O CORPO COMO FONTE DE PECADO EM SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

Luciana Cosme de Oliveira - CESAT

A oposição entre a carne e o espírito perpassa todo o período medieval. No século XIII, essa oposição reaparece no pensamento franciscano. São Francisco, apesar de louvar toda a criação divina, prega de modo particular o ódio ao corpo, pois a carne é a responsável pelo afastamento da alma do seu

Criador, por isso, o corpo deve ser martirizado e abandonado. Assim, o cuidado com o corpo só deve se dar na busca pela purificação dos sentidos, do coração e do espírito. Esse caminho de ascetismo e abstinência fica evidenciado na prática da castidade, do amor e da pobreza, votos perpétuos que devem ser seguidos por todos os irmãos da Ordem Primeira. Essa busca pela purificação espiritual estava ligada diretamente à crise que parte do corpo clerical vivia em relação à moralidade cristã. O século XIII, se configurou pelo surgimento de muitas heresias que desejavam uma purificação do clero, que se desviara da origem do cristianismo, rogava-se então por um retorno do Cristianismo aos moldes apostólicos, o que trazia consigo a necessidade de cultivar uma vida virtuosa e se afastar dos vícios que causam a danação da alma e levam o corpo para as penas internas. Assim, no imaginário franciscano, o corpo deve ser sacrificado e para elevar o espírito. O homem deve se reconhecer como parte da criação divina e praticar o amor para com todas as criaturas. Nesse artigo, pretendo analisar essa relação entre corpo e espírito tendo como base documental os escritos do próprio Francisco e de seus biógrafos.

### **“AH, SANTA MARIA, AJUDAIS AOS NOSSOS, POIS PARECE QUE O ENCONTRO JÁ COMEÇOU”: A BATALHA DE PORTOPÍ NA CONQUISTA DE MAIORCA (1229)**

Luciano José Vianna - PPGHIS - UFES

Uma das funções reais era a guerra. Era necessário que o rei combatesse para servir de exemplo para os demais. Isso foi o que Jaime I (1208-1276) fez ao realizar a conquista de Maiorca, a qual foi tanto uma *expansão* do reino catalão-aragonês quanto uma *reconquista* frente aos muçulmanos. Durante esta empresa, ocorreram muitos encontros entre cristãos e muçulmanos. O primeiro deles foi a batalha de Portopí. Neste trabalho, minha proposta é analisar e compreender o pensamento estratégico-guerreiro do rei Jaime e as atitudes tomadas por este rei neste primeiro encontro entre cristãos e muçulmanos, com a intenção de entender sua preparação, formação e pensamento guerreiro. Além disso, destaco as principais características desta batalha, relacionando-a ao período e ao contexto em questão, para demonstrar tanto suas peculiaridades quanto suas trivialidades. Em suma, busco compreender o pensamento estratégico-guerreiro do rei Jaime I no início da conquista de Maiorca e no primeiro contato com os muçulmanos. Para isso, utilizo como fonte o *Livro dos Feitos* (c. 1252-1274) do rei Jaime I, onde trabalho com os capítulos 63 a 65. Como metodologia, utilizo a *Hermenêutica*, método que consiste na realização de várias e gradativas leituras do texto com o intuito de se chegar a uma compreensão do mesmo.

### **AUTOBIOGRAFIA DE VALÉRIO DE BIERZO: PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA**

Luiz Felipe de Souza - Pibex - Pem - UFRJ

Valério de Bierzo viveu em fins do século VII, no Noroeste da península Hispânica, onde escreveu suas obras. Dentre elas, a mais importante é com certeza sua autobiografia, composta por três escritos.

Fato interessante encontrado nessa obra é que durante a maior parte de sua vida, Valério é acompanhado por discípulos, que desistem de suas vidas anteriores para terem com seu tutor uma cheia de atribuições e turbulências, além de perseguições sofridas pelo que Valério chama de “O Inimigo”, numa referência ao Demônio.

Ao “Inimigo”, um dos personagens centrais da obra, é creditado todo o infortúnio perpassado pelo auto-hagiógrafo e seus protegidos, seja um espancamento por uma multidão, ou a queda de uma pedra no pé de um de seus discípulos.

Comecei esta primeira aproximação com o tema relativo a Valério de Bierzo dentro do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da professora Doutora Leila Rodrigues. Na presente comunicação, tenho por objetivo avaliar de forma preliminar a relação entre Valério e seus discípulos. Entre outros aspectos, interessa-nos ressaltar em que medida tal relacionamento é semelhante a muitos desse mesmo período.

### **AS POLÍTICAS MATRIMONIAIS EM PORTUGAL NO SÉCULO XIII: A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE D. AFONSO III**

Luiz Vagner da Costa - UGF

O nosso objeto de estudo, D. Afonso III, tem sua trajetória ligada por seus casamentos.

Trabalharemos com dois cronistas reais, Frei Antônio Brandão e Duarte Nunes de Leão, usando o método comparativo entre as fontes. Em ambas nos interessa observar como cada um dos cronistas via a figura do rei. A preocupação que eles têm em mostra e construir a figura do monarca como alguém que seja um conquistador, detentor de força e poder.

No período a questão matrimonial é colocada como um legitimador de heranças de terras e reino. Analisaremos a preocupação dos monarcas, para que esses casamentos sejam reconhecidos pela igreja, pois só assim seus filhos teriam direitos a herdar o trono na sua vagância. Também abordaremos os acordos que envolviam o casamento e o que gerava essas uniões. Bem como o significado do casamento para essa sociedade medieval, que estava vigiada constantemente pelos clérigos, as imposições que esses colocavam para os membros dessa sociedade, assim como as sanções sofridas por aqueles que não seguissem os seus ensinamentos. A representatividade do casamento nessa sociedade, sua importância para a formação de dinastia e reinos.

### **O AMOR CORTÊS E AS RELAÇÕES DE PODER ENTRE HOMENS E MULHERES NA IDADE MÉDIA**

Luzia dos Ramos Pinto - UNIGRANRIO

Esta comunicação pretende abordar a origem do amor cortês e sua prática na sociedade medieval do século XII, período caracterizado por uma intensa mudança em todos os aspectos da sociedade, mudanças essas que tornaram possível o surgimento do “fine amor”.

A Igreja durante todo o período da Alta Idade Média teve o domínio da escrita, essa situação muda durante esse período sendo assim compartilhada por nobres e cavaleiros, gerando assim uma literatura laica, voltada para assuntos do dia-a-dia. Outro ponto que foi favorável para a aceitação do Amor Cortês foi a sua função dentro do meio aristocrático, desempenhando um papel educativo para o jovem cavaleiro. O cavaleiro se coloca como vassalo de uma dama, que na maioria das vezes é casada, exaltando todas as suas virtudes e atributos até conseguir o que tanto deseja o amor de sua amante, refletindo assim o modelo sócio econômico da época: o feudalismo.

Amar dentro desse jogo implica no cumprimento de várias regras que tinham que ser observadas e seguidas. Esse conjunto de normas de como conseguir torna-se amante de uma dama vem sendo detalhada no Tratado do Amor Cortês de André Capelão obra que utilizo para analisar a prática do amor cortês na França do período feudal.

### **A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E SEUS LOCAIS DE DIFUSÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ABISMO**

Marcelo Fernandes de Paula - Pibex - Pem - UFRJ

As universidades são, reconhecidamente, local de produção de conhecimento. A área de História, no contexto brasileiro, não é uma exceção. No entanto, entre a produção do conhecimento histórico e sua recepção pela população existe uma grande distância. Vejamos um exemplo: as concepções sobre a Igreja Católica Romana na Idade Média. A imagem de uma instituição homogênea, que controlaria o pensamento do homem medieval, construída ao longo do tempo por uma historiografia tradicional que lançava um olhar pejorativo sobre a assim chamada Idade das Trevas, vem sendo questionada. Com o advento de novas reflexões produzidas em alguns centros acadêmicos brasileiros, produz-se um intenso debate historiográfico, que sistematicamente questiona essa visão historiográfica tradicional.

Através da análise de um livro didático amplamente usado no ensino fundamental nas escolas cariocas e lançando um olhar sobre uma produção historiográfica mais tradicional e uma produção recente, essa comunicação tem por objetivo realizar uma primeira reflexão sobre as razões que dificultam a passagem do conhecimento produzido nos centros acadêmicos para o ensino básico e sua difusão para a grande parcela da população brasileira. Esse trabalho é fruto das reflexões realizadas no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ sob a orientação da professora Andréia C. L. Frazão da Silva.

### **CIÊNCIA POLÍTICA, MEDIEVALISMO E ESTUDOS DE GÊNERO: A PROPÓSITO DAS RELAÇÕES DE PODER NO REINO CASTELHANO-LEONES, SÉC. XIII**

Marcelo Pereira Lima - Pem - UFRJ / PPGH - UFF

O debate sobre as idéias e práticas políticas medievais já se consolidaram como campo de estudo particular e consagrado. No entanto, a despeito das inovações efetuadas por numerosos ramos da História das Mulheres, as trocas entre Ciência Política, Medievalismo e Estudos de Gênero ainda constituem um

lacuna na historiografia, especialmente quando levamos em conta a produção intelectual espanhola contemporânea sobre as instituições monárquicas e eclesiásticas na Idade Média do século XIII. Além disso, quando consideramos os documentos de caráter jurídico, a questão fica ainda mais problemática, já que imperam análises formalistas e/ou acriticamente “sociológicas”. Por essas razões, esta comunicação possui um propósito central. Pretendemos pensar como as diretrizes de gênero interferem nas concepções e práticas da realeza na península Ibérica do século XIII. Por isso, como eixo de análise, concentraremos nossa atenção nas formas com que os textos normativos constroem discursos “genericados” sobre as figuras femininas que se relacionavam com diversas instâncias de poder (rainhas, princesas, abadessas e outras mulheres aristocráticas etc.). Para tanto, as *Siete Partidas*, elaboradas pelo governo de Afonso X (1252-1284), serão a documentação de referência para nossa análise.

### **A CAVALARIA-VILÃ NO MEDIEVO PORTUGUÊS: O FORAL TOMARENSE DE 1162**

Maria Fernanda R. T. M. dos Santos - UNIRIO

A apresentação em questão tem como proposta analisar a classe denominada “cavaleiros-vilãos”, magistratura característica de Portugal medieval, através dos artigos encontrados no Foral da cidade de Tomar de 1162, doado por D. Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo em Portugal, aos habitantes da Vila de Tomar, questionando as funções e relações da cavalaria-vilã tradicional, sobre um senhorio com características militares, a Ordem Templária. A cavalaria-vilã, força guerreira essencial não apenas na defesa e vigilância de localidades fronteiriças, como Tomar, mas também nas intervenções ofensivas a desempenhar em terras muçulmanas, via-se elevada com largueza nos objetivos individual e patrimonial, devido aos dez de trinta artigos do foral de 1162 dedicados aos seus interesses. Contudo, é necessário interpelar a existência da cavalaria-vilã em Tomar, sobre o senhorio da Ordem do Templo, composta por cavaleiros conceituados na época como uma elite guerreira, o qual mantinham um código de leis e conduta internos, não se assemelhando em nenhum momento com os artigos do foral de 1162 referentes a cavalaria-vilã, e a necessidade de manter duas “cavalarias”, com funções semelhantes, convivendo paralelamente na mesma localidade.

### **AS LEGENDAS MENORES E A CONSTRUÇÃO DA SANTA CLARA VIRGEM**

Maria Valdiza Rogério Soares - Pem - UFRJ

O culto a Clara de Assis iniciou-se a partir de sua morte e cresceu, à medida que foi se difundindo a fama de algumas curas milagrosas. Dentre alguns dos milagres atribuídos a ela podemos mencionar: expulsão de demônios dos corpos possuídos, curas de doenças, visão aos cegos, cura de loucos e maníacos, etc.. Esse culto ao corpo e ao túmulo de Clara, que eram tidos como meios de cura, desenvolveu-se com um caráter “autônomo” para a população local, ou seja, eles a veneravam independente da própria vida da santa.

Durante o seu funeral, 12 de agosto de 1253, segundo as hagiografias, o Papa Inocêncio IV propôs que fosse celebrado o ofício das virgens no lugar do ofício dos mortos. Essa sugestão do Papa era uma tentativa de fazer uma canonização de Clara de Assis no momento do seu sepultamento. Entretanto, o cardeal Reinaldo aconselhou-o a celebrar a missa dos defuntos. Dois meses após a morte de Clara, a 18 de outubro de 1253, o Papa Inocêncio IV encarregou o Bispo de Espoleto, Bartolomeu, para investigar a santidade da damianita. Foi pedida uma pesquisa a respeito da devoção e do culto que vinha sendo prestado a Clara, os milagres que vinham se manifestando, etc.. O resultado disso foi o *Processo de Canonização*, iniciado por volta de 24 a 29 de novembro de 1253. Nota-se que todo o procedimento para a canonização de Clara se deu de forma bastante rápida. Qual o interesse da Igreja em tornar Clara uma santa?

Nossa comunicação tem como objetivo apresentar a discussão e a interpretação dos dados coletados das *Legendas Menores* e, a partir da categoria gênero, verificar como foi construído o modelo de santa Clara virgem em escritos hagiográficos dedicados a ela.

### **A DINÂMICA DAS RELAÇÕES INTRA-SENHORIAS NA FRANCIA ORIENTALIS (SÉCULOS VIII E XI)**

Mariana Bedran Lesche - UFF

As regiões genericamente agrupadas sob o nome de Germânia, na Alta Idade Média, foram



palco de profundas modificações em suas estruturas sociais, em especial no que concerne ao acirramento e à consolidação das hierarquias. Observam-se, ao longo dos séculos, processos de diferenciação social em curso entre as populações da região, avolumados em grande medida quando de sua incorporação ao Império Carolíngio e consolidados nos séculos seguintes. Articulam-se, nestes processos, o fortalecimento de uma aristocracia em expansão, atrelado à própria expansão do sistema econômico-social do senhorio, e as dinâmicas internas das populações locais, principalmente no que concerne ao campesinato independente, especialmente vigoroso e complexo nestas regiões. Neste trabalho, ainda em seus estágios iniciais, abordaremos um primeiro aspecto da configuração destas relações de poder, a saber, aquele referente à articulação entre as aristocracias locais e àquelas estabelecidas no centro político imperial – no “coração do Mundo carolíngio” – no intuito de configurar, como elemento intrínseco à amplitude do poder aristocrático, o papel, a natureza e a dinâmica das alianças políticas.

## **OS DIREITOS DE PADROADO RÉGIOS NOS SÉCULOS XIII E XIV EM PORTUGAL**

Marina Cavalcanti e Silva Neofiti - USP

A partir da análise dos direitos de padroado recuperar a dinâmica e o desenvolvimento do poder régio em suas relações com os demais poderes (nobreza e clero) durante os séculos XIII e XIV em Portugal.

Para isso, pretendemos destacar alguns aspectos desses direitos de padroado, bem como suas implicações no exercício efetivo do poder. Somente um mapeamento desses direitos e de seus respectivos padroeiros já nos dá uma idéia do panorama da distribuição dos diferentes poderes e suas predominâncias em cada região. Há também outros dois aspectos a serem tratados: o movimento dos direitos de padroado (no caso, as doações feitas pelo rei, bem como as que recebeu) e os conflitos a respeito da legitimidade da posse de um padroado por um determinado padroeiro. Assim esperamos apreender em que condições práticas se dá a relação entre os poderes, ou seja, em suas tensões, negociações e concessões.

O enfoque espacial-temporal escolhido reflete uma transição entre o predomínio senhorial no Norte e uma maior centralização do poder pelo rei: trata-se do século XIII na Terra de Santa Maria da Feira, tendo como base para a análise o documento *De Hereditatibus Ordinum in Terra de Sancta Maria*. Porém é necessário articular esse caso específico com uma realidade mais ampla, que será contemplada com o estudo mais geral dos casos de Ovar, Lamego e Coimbra no período dos séculos XIII e XIV.

## **A QUESTÃO IMPERIAL NOS CAPITULÁRIOS *DIVISIO REGNORUM* E *ORDINATIO IMPERII***

Marina de Araújo - CNPq / USP / PRP

Este trabalho tem a proposta de apresentar a pesquisa de iniciação científica intitulada *A ideologia do poder real carolíngio. De Carlos Magno a Luís, o Piedoso*. A partir da constatação de uma mudança na concepção do título imperial e do império entre os carolíngios no início do século IX d.C., esta tem por objetivo compreender esta mudança e os motivos que a ocasionaram.

Para tanto, esta pesquisa tem como método o estudo comparativo de dois capitulários carolíngios: o *Divisio Regnorum*, promulgado por Carlos Magno no ano de 806, e o *Ordinatio Imperii*, promulgado no ano de 817 por Luís, o Piedoso. Ambos são documentos-testamentos cujas construções obedecem ao mesmo modelo. Desta forma estes são documentos chaves para o estudo da concepção imperial e suas transformações para Carlos Magno e seu filho Luís, o Piedoso.

A análise da historiografia da questão imperial carolíngia também constitui uma parte importante desta pesquisa. Para este trabalho procurou-se destacar os estudos clássicos e os trabalhos e as linhas interpretativas mais recentes acerca deste tema, além da perspectiva de ampliação da bibliografia que compõe a pesquisa.

## **ASPECTOS DA NORMATIZAÇÃO DA VIDA ECLESIASTICA NO IV CONCÍLIO DE TOLEDO E NA *LEX VISIGHOTORUM***

Michelle de Oliveira Santos - Pem - UFRJ

A idéia para a presente comunicação surgiu no decorrer da pesquisa, para a elaboração da monografia de fim de curso sobre sexualidade, desenvolvida e realizada no Programa de Estudos

Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da professora Leila Rodrigues. Temos por objetivo fazer um estudo comparativo das restrições às condutas sexuais dos clérigos no reino visigodo, a partir do século VII.

Nossa comunicação versa sobre a normatização dos reinos germânicos e conseqüentemente, da Igreja no seio dessas populações. Para realizar nossa análise, utilizaremos dois tipos de documentos produzidos no período: a *Lex Visigotorum* e o IV Concílio de Toledo, sendo o primeiro um código jurídico e o segundo uma ata conciliar.

Nesse sentido, pretendemos relacionar as regulamentações existentes nos documentos supracitados, ressaltando as semelhanças e diferenças entre os discursos civil e religioso, no que se refere à normatização da vida eclesiástica, especialmente, as condutas sexuais dos membros do clero.

### **O CONCEITO DE « COMPOSIÇÃO » NOS « *DECEM LIBRI HISTORIARUM* » DE GREGÓRIO DE TOURS**

Milton Mazetto Junior - USP

A história da justiça e das práticas jurídicas da Alta Idade Média sofreu, ao longo do século XX, uma influência cada vez maior da antropologia jurídica. O clássico artigo de J.-M. Wallace-Hadrill, « *The Bloodfeud of Franks* », é exemplar dessa tendência : o eixo dos estudos se deslocou das instituições jurídicas e de seus monumentos para as práticas sociais de resolução de conflitos. Para esse autor, a maior parte das disputas no Reino dos Francos não seriam resolvidas na presença de um juiz, mas através de um complexo sistema « fidal », que corresponderia, em primeiro lugar, a uma ameaça de hostilidade entre dois grupos de parentesco, ao estado de hostilidade, que seria expresso através de atos de vingança, e a um ato de pacificação, na maior parte dos casos uma « composição pecuniária ». A partir desse estudo, a idéia de que a composição, no Reino dos Francos, corresponderia a um estágio de um sistema vindicatório se difundiu cada vez mais entre os estudiosos do período. A proposta dessa apresentação é, nesse sentido, buscar avaliar, até que ponto o conceito antropológico de « composição », corresponde ao uso da expressão « conpositio » e do verbo « componere » em uma fonte do período merovíngio, os « *Decem libri historiarum* » de Gregório de Tours.

### **“INICIE TUAS PALAVRAS COM A CARIDADE”. A CARIDADE NA *RETÓRICA NOVA* (1301) DE RAMON LLULL**

Nayara Sepulcri Pinheiro - CNPq / UFES

A Retórica na Idade Média recebeu um importante acréscimo de conteúdo em relação aos textos clássicos: a caridade (*caritas*) cristã. Desde Paulo, a caridade é entendida como a amizade entre o homem e Deus. E esta amizade define-se pelo amor que é unido à benevolência (*amor benevolentiae*) pelo amor mútuo, o que dá origem a certa comunicação, que, no caso da caridade, é a do homem com Deus. A partir de então, o tema passou a ser uma constante no pensamento filosófico medieval. A *Retórica Nova* escrita em 1301 pelo catalão Ramon Llull, inseriu a caridade na estrutura de sua proposta retórica, que, nesta obra, foi adaptada à sua *Arte*. Absorveu os valores gregos, e os reinterpretou para o seu próprio tempo: o século XIII das ordens mendicantes. Neste período, o verbo passou a ter um novo valor diante da necessidade de formar pregadores urbanos para o novo homem que surgia, oradores que deveriam, segundo nosso autor, beber da fonte retórica e assim divulgar sua *ars*. Nossa escolha por este escrito luliano justifica-se na medida em que traduz e personifica a essência do pensamento medieval: o amor – ao próximo e à sabedoria. Assim, nossa proposta é apresentar o tratamento luliano dado à caridade, à qual Llull reserva o último capítulo de sua obra. Além disso, nos propomos analisar alguns dos dez provérbios sobre a caridade que fazem parte deste importante tratado retórico medieval.

### **HILDEGARD VON BINGEN: CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA E CUIDADO NA IDADE MÉDIA**

Neuci Lopes da Silva - ITF

Entre a nobreza a mulher tinha duas opções: a vida monástica ou o casamento. Aquela que optava pela vida monástica tinha possibilidade de estudar. A regra monástica determinava que as monjas deveriam saber ler e escrever. Por isso encontramos monjas copistas, escritoras e bibliotecárias. Diversas famílias enviavam suas filhas aos mosteiros para receberem educação de qualidade.

De origem nobre, Hildegard von Bingen, aos oito anos de idade, foi enviada a um mosteiro a fim de ser educada e é neste ambiente que a sua atividade intelectual desenvolver-se-á e ultrapassará os limites do mosteiro em que habita. Apesar de se apresentar como *Paupercula femina* ou *femina indocta*, seus escritos visionários lhe conferiram um respeito tal a ponto de ser a única mulher (em vários séculos) a ser autorizada, pela Igreja, a pregar em público. A atividade intelectual desta monja, devido à fusão de imagens, textos e música, pode ser classificada como “enciclopédica” ou “multimídia”. A amplitude e a profundidade de seus conhecimentos são motivos de grande admiração até os dias atuais. Hildegard pode ser considerada como um ícone da medicina holística. A terapia, por ela empregada, no tratamento dos doentes, demonstra a sua preocupação com o bem-estar do ser humano através do equilíbrio entre este e o mundo que o cerca, tratando a pessoa “inteira”: corpo e espírito.

Nesta comunicação traçaremos, em linhas gerais, o perfil da cultura da mulher medieval, as características da cultura monástica de então, a abrangência da cultura de Hildegard von Bingen e sua influência na atualidade.

### **OBSERVANDO NICOLAU EYMERICH: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS DADOS COLETADOS SOBRE A PRÁTICA DO DOMINICANO E O LIVRO *O INQUISIDOR* DE VALERIO EVANGELISTI**

Ney Augusto Ferreira dos Santos - UFRJ

A presente comunicação tenciona apresentar as ações do inquisidor Nicolau Eymerich, responsável pela Inquisição no reino de Aragão durante a segunda metade do século XIV, e ao mesmo tempo debater a imagem construída deste dominicano por Evangelisti, um dos principais ícones da literatura italiana contemporânea.

Nicolau Eymerich é muito visado pela sua principal obra *O manual dos inquisidores*, entretanto este não fora seu único grande feito, como será demonstrado na comunicação.

Além de seu principal trabalho citado brevemente acima, observaremos os principais fatos de sua prática inquisitorial no reino de Aragão e outros pontos capitais de sua biografia.

*O Inquisidor* apresenta-se como uma obra extremamente pertinente para análise sobre a Inquisição, revelando seu lado menos catastrófico, uma vez que se trata de uma ficção acerca de uma matéria de domínio histórico.

Um ponto interessante nesta comparação se dá justamente da ligação que Evangelisti faz da matéria histórica com um personagem que está presente em seus livros mais recentes, desenhos e outros trabalhos.

### **DO FLAGELO À MAJESTADE: A REPRESENTAÇÃO DE ATILA NAS TRADIÇÕES GERMÂNICAS**

Otávio Luiz Vieira Pinto - UFPR

As tradições e a cultura de uma sociedade – como elemento de coesão ou mesmo como espelho de um desenrolar sócio-político – jamais permanecem estáticas. Circulam, entram em contato com outras, influenciam e são influenciadas. Tendo esta idéia em mente, o presente trabalho terá por objetivo analisar as diferentes imagens de Atila, rei dos hunos no século V, e a forma com que estas foram construídas na memória dos povos germânicos após a destruição do reino da Burgúndia, em Worms, a partir de fontes compiladas no período medieval, mais especificamente o Cantar de Valtário e o Cantar dos Nibelungos. Notar a longa duração deste personagem, permeado pelo mesmo contexto, no decorrer de mais de cinco séculos, numa dimensão geográfica que abarca tanto a Península Ibérica como a Germânia, significa, numa primeira análise, o contato inevitável entre as diferentes culturas germânicas, cada qual desenvolvendo suas peculiaridades, na mesma medida em que acentuavam sua identidade mas bebiam diretamente de uma tradição clássica greco-latina ou mesmo cristã, realçando assim, de forma bastante própria, um passado comum: essa herança considerada gloriosa, marcada por batalhas memoráveis e personagens dignos de serem cantados e lembrados por gerações e gerações.

### **DEFENSOR FIDEI: O IDEAL DE MONARCA CRISTÃO NO *ESPELHO DOS REIS* (1340-44) DE ÁLVARO PAIS**

Paola Dias - PPGHIS – UFES

A obra *Espelho dos Reis* fora escrita entre 1340-44, a propósito da Vitória Cristã e Hispânica liderada pelo monarca Castelhanos D. Afonso XI (1312-1350) contra os muçulmanos no Rio Salado (1340). A obra foi

concebida pelo, então, bispo de Silves, o galego Frei Álvaro Pais (1275/80-1349/50) com a dupla finalidade de exaltar a conquista do referido monarca e oferecer-lhe um *Espelbo de Príncipes* no qual elaborara o ideal do rei cristão. Para isto, o autor adotou duas linhas explicativas centrais. A primeira pautada nos argumentos das cartas paulinas e na tradição agustinista sobre a querela entre império e papado. E a segunda calcada no ideário da Reconquista em curso naquele momento. Desta última, trouxe ao debate da disputa jurisdicional questões típicas do mundo hispânico: a “herança visigótica”; o direito aos territórios hispânicos tomados pelos muçulmanos (inclusive as terras da África) e a idealização do monarca cristão representado pelo *Defensor Fidei*. É objetivo deste trabalho mostrar que a concepção alvarina do monarca cristão entrelaçou o modelo do *Defensor Fidei*, (cuja personificação deveria ser D. Afonso XI e seus antecessores) ao do (bom) rei cristão compartilhado pelo Ocidente Medieval.

### **NORMATIZAÇÃO DO TEMPO CRISTÃO NA PRIMEIRA IDADE MÉDIA: A TEMPORADA DA QUARESMA NO DISCURSO EPISCOPAL DO SÉCULO VI, EM CESÁRIO DE ARLES E MARTINHO DE BRAGA**

Paulo Duarte Silva - FAPERJ / Pem – UFRJ / PPGHC - UFRJ

Em nossa pesquisa de mestrado, discutimos o processo de organização do ciclo litúrgico pascal no período da Primeira Idade Média, em meio à formação dos reinos germânicos na *pars occidentalis* e ao correlato fortalecimento do episcopado latino.

Consideramos a confecção do calendário e, em específico, do ciclo referente à celebração da Ressurreição então conduzida pelos eclesiásticos como elementos indispensáveis no processo de afirmação institucional eclesiástica. Em tal contexto, a organização do tempo cristão projeta referências de *unidade e consenso* dispostas aos clérigos e leigos.

Nesta apresentação, analisamos o discurso eclesiástico referente à Quaresma, temporada que precede a celebração do Domingo da Páscoa e que, ao se caracterizar como momento batismal, penitencial e de abstenção, prescreve a ingerência bispal nas práticas e atitudes dos fiéis.

Ao inscrever o ascetismo cristão em um período regular e preciso, a estação quaresmal preceitua tanto uma ampla gama de intervenções, dentre as quais se destaca o jejum, quanto uma série de aspectos distintivos da *ecclesia* em relação a grupos como os judeus e, por outro lado, os priscilianistas.

Em nosso exame, confrontamos os bispados de Cesário de Arles e Martinho de Braga, a partir da abordagem comparativa de sermões e atas de concílios nos quais os bispos tomaram parte.

### **DOM, SANTIDADE E DOMINAÇÃO NA ALTA IDADE MÉDIA IBÉRICA**

Paulo Henrique de Carvalho Pachá - UFF

O presente trabalho estrutura-se a partir de três bases: as condições materiais de reprodução cotidiana da vida humana no alto medievo ibérico; a indissociabilidade do conjunto de mecanismos materiais e ideais acionados nesta reprodução; o papel e os usos que a economia do dom assume nessa sociedade, mediando relações de produção em toda a sua complexidade. Cada uma destas bases só existe a partir de um duplo viés, isto é, teórico e documental. Duas outras referências relacionam-se com estas premissas, o papel dos santos como mediadores do contato com o sagrado – portanto do acesso aos mecanismos ideais da produção – e a opção por um conceito de cultura que a suponha intimamente articulada às relações de produção. Nosso *corpus* documental é composto principalmente pela *Vitas Sanctorum Patrum Emeritensium* e pela *Vita Fructuosi*. A primeira, um conjunto de hagiografias (de autoria anônima em meados do século VII) acerca dos santos bispos de Mérida e a segunda, acerca da vida de São Frutuoso, metropolitano de Braga, escrita no final século VII. Desta forma, os objetivos do trabalho podem ser sintetizados na tentativa de compreensão do papel dos mecanismos relacionados ao acesso do sagrado na reprodução material e cotidiana no alto medievo e os crescentes esforços de normatização e monopolização deste acesso pela Igreja em expansão. Assim, compreendemos que o recurso às diversas formas do dom teria consistido em meio de não apenas controlar esse acesso, mas de instituir e manter uma dominação social expressa claramente nos vínculos de submissão pessoal.

### **A GRAVURA “O COMBATE DE SÃO MIGUEL CONTRA O DRAGÃO” DE ALBRECHT DÜRER**

Paulo Roberto Parq Alves - UFRJ

O Apocalipse foi, mais do que as outras partes do Livro Sagrado, fonte de crenças, doutrinas e valores, além de fonte de grande inspiração para o imaginário do Ocidente Medieval Cristão. No ano de

1498, na cidade de Nuremberg, Albrecht Dürer (1471-1528) publicou a primeira edição de seu livro ilustrado sobre o Apocalipse. De acordo com o consenso historiográfico, a série de gravuras sobre o Apocalipse de Dürer foi um marco na iconografia desse tema.

Composto visualmente por quinze xilogravuras, *O Apocalipse* de Dürer contém *O combate de São Miguel contra o dragão*, gravura que retrata a passagem bíblica na qual o Arcanjo São Miguel lidera a legião celeste contra as hordas do diabo (Apocalipse. 12:7-9). Protagonizada por São Miguel, a cena é uma das imagens centrais de representação do triunfo do Cristianismo sobre o mal, podendo ser facilmente encontrada em obras que sejam independentes de um programa iconográfico.

O presente trabalho visa analisar a maneira como o artista representou a cena da batalha nos céus, considerando-se as tradições iconográficas a respeito do tema, a partir de exemplares originais de *O combate de São Miguel contra o dragão* – pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Para o exercício de tal análise, privilegiamos o conceito de imagem abordado por E. Gombrich, com ênfase na iconografia, de acordo com E. Panofsky.

### **ANTIGOS BÁRBAROS , NOVOS CRISTÃOS : UMA ANÁLISE SOBRE O CRISTIANISMO CELTA IRLANDÊS DO SÉCULO V AO IX**

Pedro Vieira da Silva Peixoto - UFRJ

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a relação entre o Cristianismo e os povos celtas insulares, no caso, ainda, especificamente, os provenientes da Irlanda, tendo como recorte temporal o período da Alta Idade Média. Os elementos celtas sobreviventes fundidos na tradição e a sua relação com o universo cristão serão os principais alvos desta análise. O propósito deste estudo é, portanto, direcionar o olhar para as interações que ocorrem na cristandade celta, reforçando e destacando seu caráter dinâmico.

Buscou-se entender o processo de cristianização como sendo realizado através de um mecanismo ativo por ambos os lados, tanto do cristianizador como do cristianizado, fugindo, desse modo, de possíveis análises simplistas e superficiais que se baseiem em binômios como dominador/dominado e bárbaro/civilizado. Por conseguinte, a intenção deste trabalho é contribuir para os estudos relativos ao Cristianismo e à Idade Média, mas também com os estudos celtas, reforçando as particularidades que dizem respeito ao "mundo celta", e realçando suas especificidades que, por sua vez, serão discutidas dentro do processo de cristianização.

Desta forma, almejou-se compreender e discutir o fenômeno da cristandade celta como sendo único em seu contexto, rico em originalidade e pertencente a um movimento muito maior - o Cristianismo.

### **SANTA CATARINA, A SÁBIA DE ALEXANDRIA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UMA SANTIDADE *GENDEREFICADA*, NA *LEGENDA ÁUREA***

Priscila Gonzalez Falci - PPGHC - UFRJ/ Pem - UFRJ

Essa comunicação figura como parte final da pesquisa desenvolvida no mestrado do Programa de Pós-graduação em História Comparada, desde 2006/1, intitulada “Os martírios na construção de santidades *gendereficadas*: uma análise comparativa dos relatos da *Legenda Áurea*”. Nosso objetivo central é estudar as relações entre as construções identidade de santidade e as de gênero, dentro dos relatos sobre mártires presentes nesta compilação, da autoria do dominicano genovês Jacopo de Varazze.

No atual estágio de nossa pesquisa, estamos analisando os martírios selecionados que, a saber, somam doze narrativas. Nosso estudo seguirá por dois caminhos complementares: primeiro, investigaremos os relatos individualmente para depois compará-los.

Nesse sentido, estudaremos aqui o capítulo que narra o martírio da virgem Catarina, filha do Rei Costo, cuja sabedoria, segundo a *Legenda Áurea*, superou a dos mais importantes oradores de Alexandria. Nosso objetivo é analisar como são construídas as identidades de santidade e de gênero nesse relato. Para tanto, consideramos como ela era identificada socialmente em relação ao lugar atribuído para as mulheres, às qualidades que lhe foram imputadas tendo em vista as reações diante das mesmas, as penas somáticas e as intervenções divinas, entre outras questões.

### **AS CONTRIBUIÇÕES DA VITÓRIA CRISTÃ EM NAVAS DE TOLOSA PARA A AFIRMAÇÃO RÉGIA CASTELHANA NO SÉCULO XIII**

Rafael de Mesquita Diehl - UFPR

Na passagem do século XII para o XIII, o califa almôada Mohammed ibn Yacoub consegue unir

o Norte africano e Al-Andaluz em uma unidade política, iniciando uma expansão rumo ao norte da península Ibérica, deixando os reinos cristãos em situação defensiva. Neste momento, os reinos ibéricos, através da mediação do Arcebispo de Toledo, Rodrigo Jimenez de Rada, recorrem ao apoio do Papado. O Papa então incumbe o arcebispo toledano de pregar uma cruzada contra os mouros almôadas na Península Ibérica. Reunindo hostes de diversas partes da península e de regiões da Europa Ocidental, os reinos ibéricos unem suas hostes para se confrontarem com as hostes andaluzas e berberes dos almôadas. Este embate, ocorrido em 1212, nas “Navas” de Tolosa, cujo saldo final foi a vitória dos reinos cristãos, marca a derrocada do poderio Almôada na Península, o que trará de volta a divisão das *taifas* (reinos autônomos) para o Al-Andaluz. Meu objetivo será o de analisar de que forma as Navas de Tolosa contribuíram para o grande avanço da Reconquista Cristã no século XIII, notadamente, as conquistas na Andaluzia por Fernando III, o Santo de Castela e Leão (1217-1252). Usarei como fonte a “Primera Crônica General de España”, encomendada e patrocinada por Afonso X de Castela e Leão no final do século XIII. Pretenderei mostrar como a Batalha de Navas de Tolosa favoreceu o crescimento do processo de Reconquista, gerando o fortalecimento do poder régio Castelhanos, que se afirma e legitima perante o Papado através da luta contra o “infiel” muçulmano na Península.

### **DE VOSSAS FONTES BEBI: A PRESENÇA DO PENSAMENTO DE HERÓDOTO, TUCÍDIDES E POLÍBIO NA CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA D’ A ALEXÍADA DE ANNA COMNENA (SÉCULOS XI E XII)**

Rafael José Bassi - UFPR

O Império Bizantino tinha, como pilares, o cristianismo, a cultura romana e a helênica; nosso trabalho foca-se mais precisamente nesse último aspecto. Na época do reinado do *basileus* Aleixo Comneno I (1081-1118) o império, que possuía como base o pensamento grego, foi considerado como um grande centro de propagação cultural, devido à conjuntura criada por Ana Dalassena, ainda que estivesse passando por uma crise nos demais aspectos, tais como debilidade militar, perda de territórios tanto a Ocidente quanto a Oriente, crise financeira, entre outros fatores. Anna Comnena (1083-1153/54), que era filha do imperador Aleixo Comneno e da imperatriz Irene Ducas, foi encarregada de escrever uma obra de História sobre o reinado de seu pai, que, a princípio, fora encomendada ao seu marido por sua própria mãe Irene, mas aquele não teve tempo de finalizá-la em decorrência de sua morte. A partir do *Proêmio d’A Alexiada*, obra de Anna Comnena, encontramos a sua concepção do que seria a História e podemos notar a influência da obra de Heródoto, Tucídides e, principalmente, Políbio; obras essas que Anna leu devido a sua educação requintada e “excepcional” dentro daquela sociedade. Esta pesquisa tem, pois, a finalidade de analisar o pensamento desses três historiadores apropriados por Anna Comnena, em excertos d’A *Alexiada*.

### **BREVE ANÁLISE DO PROCESSO DE HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL NA INGLATERRA ANGLO-SAXÔNICA (SÉCULOS VII-VIII)**

Renato Rodrigues da Silva - UFF

A presente comunicação corresponde a uma pesquisa monográfica, ainda em seus primeiros esboços, cujo objetivo é a análise de cunho genético-estrutural do processo de hierarquização social ocorrido na Inglaterra anglo-saxônica, tendo como foco principal o contexto dos séculos VII e VIII. A proposta decorre da perspectiva de configurar a ocorrência, no período e na sociedade em questão, de uma profunda modificação na estruturação das relações de poder e de dominação sociais. A comunicação investirá, ainda que brevemente, na tentativa de caracterizar tal sociedade no que diz respeito aos seus níveis de complexificação social, assim como em avaliar algumas hipóteses explicativas que tratem das razões e dinâmicas a partir das quais tal processo se efetivou. No decurso da comunicação nossa análise não se limitará ao processo de surgimento e formação do grupo dominante aristocrático, mas buscaremos uma visão global que relacione a cristalização deste grupo em meio aos dois extremos sociais aos quais se interpõe (a realeza e o campesinato) e as conseqüências que daí derivaram. Como fontes para esta pesquisa utilizaremos a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, de Beda, uma coletânea de fontes de cunho jurídico conhecida como *Anglo-Saxon Dooms*, a narrativa literária *Beowulf*, além de algumas fontes da cultura material, em especial aquelas originárias da escavação do sítio de Sutton Hoo.

## JOÃO DAMASCENO E OS FUNDAMENTOS DA PRODUÇÃO ICONOGRÁFICA NO CRISTIANISMO ORTODOXO MEDIEVAL

Renato Viana Boy – DEHIS - UFOP

Pretende-se analisar a *Apologia* dos ícones cristãos feita pelo monge João Damasceno (675-749) como uma verdadeira teologia do culto dessas imagens. Esta teologia foi elaborada num contexto de grandes disputas em torno da veneração deste tipo de imagem, típica do Cristianismo ortodoxo bizantino, historicamente conhecida como Querela Iconoclasta (726-843).

Essa análise deverá passar por três pontos fundamentais contemplados por essa *Apologia*: primeiro, a definição dos ícones enquanto um tipo diferenciado de pintura cristã; depois, uma diferenciação dos conceitos de *latréia* (adoração) e *proskinesis* (veneração), e, finalmente, a defesa da presença dessas representações no seio de uma antiga tradição cristã.

Ressaltaremos nesse trabalho a importância dessa *Apologia* aos ícones feitas por Damasceno como a mais importante fonte para o conhecimento desse tipo de produção pictórica nos primeiros séculos do Cristianismo bizantino, uma vez que após a iconoclastia quase a totalidade dessas pinturas do período anterior ao século VIII fora destruída.

## ELEMENTOS DE EDIFICAÇÃO DA MORAL NA *VITA SANCTI AEMILIANI*

Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz- CNPq / Pem - UFRJ

Sou estudante de graduação em História e participo do laboratório oferecido pela professora Leila Rodrigues, sendo esta também minha orientadora. Atualmente encontro-me vinculado à pesquisa geral sobre a produção intelectual eclesiástica nos reinos germânicos, sendo meu foco inicial a visão do mal, do pecado, do erro do “paganismo” à luz da ideologia da alta hierarquia cristã da Península Ibérica, tendo por recorte temporal o período que vai do século VI ao VIII d.C., utilizando de hagiografias como fontes primárias, sendo este meu primeiro trabalho a ser apresentado em um evento deste porte.

Para a preparação desta comunicação utilizei-me da vida de São Emiliano (*Vita San Aemiliani*), de autoria atribuída a Bráulio de Zaragoza. Tendo sido apresentado a esta fonte e ao próprio teor da pesquisa muito recentemente (início de setembro deste ano), ainda sou incapaz de um levantamento bibliográfico mais amplo, estando ainda impossibilitado de oferecer conclusões mais concretas de meu trabalho. Pretendo, no entanto, levantar certos aspectos encontrados nessa hagiografia os quais apresentam exemplos a serem seguidos e/ou admirados e louvados como comprovação dos poderes do Senhor, objetivando demonstrar uma das diversas utilidades atribuídas a este tipo de produção literária: a edificação e interiorização de uma moral cristã nos conversos e naqueles ainda por converter.

## A CONSTRUÇÃO DA FIGURA GUERREIRA DE AFONSO HENRIQUES A PARTIR DAS CRÔNICAS (SÉC. XII)

Rodrigo da Silva Salgado - PPGHC - UFRJ

A elaboração desta comunicação está diretamente relacionada com o trabalho que venho desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC-UFRJ).

O tema central desta comunicação é o de analisarmos como se processou a construção da imagem de Afonso Henriques como um monarca guerreiro no processo de autonomia de Portugal através da Reconquista cristã, juntamente, analisaremos os signos de poder construídos durante a primeira monarquia de Portugal.

O principal fundamento da primeira realeza portuguesa era considerado como correlativo ao direito de conquista, o qual se demonstrava pela aquisição de novos territórios. Este direito, Afonso Henriques tinha demonstrado amplamente e é, por este motivo que todos os cronistas que narram sobre sua vida ressaltam a sua *strenuitas*, a sua valentia e seus sucessos guerreiros.

Para tal tarefa, decidimos utilizar crônicas calcadas nesta idéia de poder, elevando a função eminentemente guerreira de Afonso Henriques. Dentre essas crônicas, cabe ressaltar a *Crônica de cinco reis de Portugal*, *Crônica de El-Rei D. Afonso Henriques*, *Quarta Crônica Breve de Santa Cruz de Coimbra*, *Chronicon conimbricense* e a *Chronica Gottorum*.

## **A PROFISSÃO DE FÉ NO REINO VISIGODO: UM ESTUDO COMPARADO SOBRE OS FLAVIUS VISIGODOS, RECAREDO E RECESVINTO**

Rodrigo dos Santos Rainha - Pem - UFRJ

Os séculos VI e VII são marcados pelo estabelecimento da transação entre as elites episcopais, principais representantes das populações hispano-romanas, e visigodas, que então governava a maior parte dos territórios na península Hispânica.

Neste texto sublinharemos dois momentos em que a relação de aproximação entre estes grupos fica evidenciada, que é no momento das reuniões conciliares, especialmente nas em que suas atas são marcadas pelo discurso do monarca em sua introdução, prática que podemos identificar, por exemplo, nos III e VIII concílio de Toledo.

Nossa comunicação, então, visa identificar semelhanças e diferenças no processo de ascensão ao poder dos reis que são indicados nas fontes acima mencionadas como os autores dos discurso: *Flavius Recaredo* e *Flavius Recesvinto*. Estes dois monarcas têm em comum serem filhos de governantes que enfrentaram grande oposição por parte de setores o episcopado, no caso Leovigildo e Chindasvinto respectivamente, assumirem o trono de maneira hereditária e direcionaram suas políticas no sentido de constituir uma aliança entre bispos e nobreza.

## **OS SILÊNCIOS DE PEDRO O CRU NA GUERRA ENTRE CASTELA E ARAGÃO: ALGUMAS NOTAS SOBRE NEUTRALIDADE E ESTRATÉGIAS PENINSULARES, 1356-1369**

Rogério Ribeiro Tostes - CNPq / UFPR

Apresentando nossos primeiros objetos de reflexão, o presente artigo contém a sementeira de uma investigação mais ampla; no caso, propondo aqui analisar, a partir de um conflito pontual entre Aragão e Castela, conseqüência da animosidade latente entre Pedro IV o Cerimonioso e Pedro I o Cruel, as estratégias políticas dos dois reinos frente a neutralidade sustentada pelo monarca português, Pedro I o Cru. Na questão, havia ainda uma adição emblemática: enquanto o Cruel tinha apoio do Príncipe de Gales, Aragão contava com o amparo francês, fato que contaminava a Península no entrevero da Guerra dos Cem Anos. Dessa forma, mesmo ligado a ambos por parentesco, Pedro o Cru invectivara adotar grandes envolvimento, ainda que, num primeiro momento, auxiliasse o Cruel. Embora a *Crônica de D. Pedro* de Fernão Lopes procure realçar o apoio dado ao castelhano, a *Crônica de Pero Lopez de Ayala* e os *Anais de Jerônimo Zurita* denotam a indiferença do monarca português ao conflito. Visto daí é que, integrando suas trajetórias pessoais aos movimentos coletivos, restritos ao sistema da Península Ibérica, objetivamos elencar o complexo das atitudes políticas que teriam orientado o rei português a mitigar um posicionamento efetivo sobre a guerra, para se guardar em silêncio sobre suas preferências de apoio e de aliança no espaço de concentração peninsular.

## **O DEMÔNIO ENTRE OS MONGES NA PRIMITIVA LITERATURA HAGIOGRÁFICA ORIENTAL**

Ronaldo Amaral - FAPESP / UNESP (Assis)

As hagiográficas cristãs primitivas constituem-se em fontes privilegiadas para precisarmos, mais do que as vicissitudes históricas de uma religião nascente, o cristianismo, seu influxo na vida social e, sobretudo, mental de seus primeiros professos. Por meio delas podemos precisar aquela religião da práxis, que recalitrante as ataduras do ortodoxo, nos denotam as sensibilidades do homem diante do sagrado, sua vivências, suas concepções mais íntimas e interiores, sempre mais difusas e desconcertantes do que o normativamente estabelecido, portanto mais ricas e mais “verdadeiras” já que surgidas da vida cotidiana e das experimentações mais particulares do sagrado, sendo este ainda, por sua vez, sempre plural e igualmente não redutível, a nível mental e sensível, a uma só e absoluta forma de concebê-lo e vivenciá-lo. Enfatizaremos aqui as apreensões e manifestações do mal nas hagiografias de Jerônimo, duas delas, e Atanásio de Alexandria, em um momento que via emergir a própria idéia do diabo cristão, sobretudo em sua relação íntima com o mundo e o humano nesta época permeada por uma visão pouco prodiga a realidade da existência terrena.



## **RAPTORES E *ALCAHUETES*: EXEMPLOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA E MORAL CONTRA A MULHER CASTELHANA NAS FONTES LEGISLATIVAS DO SÉCULO XIII**

Rosiane Graça Rigas Martins - UGF

A condição feminina ao longo da Idade Média tem se mostrado, conforme as pesquisas nesse campo evoluem, amplamente diversificada. A Península Ibérica, como um espaço analítico, tem mostrado elementos femininos que pouco alimentam os estereótipos tão comumente veiculados ao longo do tempo. O campo das relações jurídicas deixa-nos entrever que a condição jurídica da mulher castelhana diferenciava-se daquelas de outras regiões da Europa, e ao tratarmos da mulher como objeto do direito uma das questões de grande relevância era a da violência, na medida em que nos encontramos diante de coleções legislativas que contemplam a mulher tanto como autoras de delitos quanto como receptoras dos mais diversos tipos de agressões. Em nosso trabalho, procuraremos analisar especificamente a condição jurídica das mulheres casadas sob a perspectiva da violência exercida pelas pessoas e pela sociedade contra elas, em três documentos de caráter jurídico que vigoraram na sociedade castelhana no século XIII durante o processo de unificação do reino castelhano-leonês empreendido por Fernando III e, posteriormente, por seu filho Afonso X: o *Fuero Real*, as *Sete Partidas* e o *Fuero de Burgos*.

## **HAGIOGRAFIA MEDIEVAL EM AZULEJOS PORTUGUESES: PAINÉIS DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA EM CONVENTOS FRANCISCANOS DA AMÉRICA PORTUGUESA**

Sílvia Barbosa Guimarães Borges – PPGAV - UFRJ

Este trabalho pretende analisar representações iconográficas da vida e dos milagres de Santo Antônio de Lisboa. Para tal, trabalharemos com três conjuntos narrativos de painéis azulejares portugueses. Os conjuntos recobrem paredes das igrejas de conventos franciscanos das cidades de São Francisco do Conde, na Bahia, Recife e Igarassu, em Pernambuco. Os conventos das três cidades têm como orago do convento e, conseqüentemente de suas igrejas, o santo português e, por isto as imagens que cobrem as suas paredes são a ele dedicadas. Os painéis são pintados de acordo com as narrativas hagiográficas antonianas que datam do período medieval, em livros como a *Crônica da Ordem dos Frades Menores*, obra com a qual dialogaremos para apreciação crítica de tais conjuntos narrativos azulejares. A obra de Frei Marcos de Lisboa, do período medieval, foi editada em diversos idiomas, tendo circulado amplamente entre os conventos franciscanos. Nela estão registrados os principais fatos da história da Ordem Franciscana, o que inclui: os *fioretti* de São Francisco, história da construção da ordem, vida de frades e santos franciscanos, assim como as regras das três ordens criadas por São Francisco de Assis – Ordem Primeira (frades menores), Ordem Segunda (irmãs clarissas) e Ordem Terceira (irmãos leigos).

## **LAMURIENTAS, FALADEIRAS E MENTIROsas? ALGUMAS MULHERES NO QUATROCENTOS PORTUGUÊS**

Sooraya Karoan Lino de Medeiros - USP

A temática da condição social feminina foi, de maneira geral, analisada a partir da dominação, do silenciamento e da política normatizadora imposta às mulheres pela Igreja. Impuras, as filhas de Eva são como a porta por onde entra o demônio, são, portanto instrumentos do Diabo, pois a sexualidade e os prazeres daí advindos, segundo os teólogos, levam o homem à condição bestial, destruindo-lhe a razão. Os registros medievais acerca das mulheres comumente reforçam uma idéia negativa do gênero feminino, delimitando seu espaço de ação ao privado. Lamurientas, faladeiras, mentirosas, era preciso silenciá-las. É isto o que podemos apreender se acreditarmos exclusivamente nas descrições dos clérigos. No entanto a voz feminina pode ser ouvida em uma série de documentos arquivísticos portugueses que tratavam de questões jurídicas no século XV nos quais os personagens de relevo eram, por vezes, mulheres que faziam contratos de aforamento, legavam seus bens em testamento ou mesmo criminosas que requeriam cartas de perdão ao rei. Acreditamos, portanto que a aceitação tácita dos postulados oriundos da ética cristã para a compreensão da condição social feminina sem um cotejamento com os instrumentos que as mulheres detinham levam-nos a uma compreensão não mais que parcial dos papéis que desempenhavam.

## **A PSICOSTASIA NAS REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO JUÍZO FINAL**

Tamara Quírico - PPGHIS - UFRJ / IPHAN

A presente comunicação visa a discutir sucintamente algumas questões referentes à *psicostasia* – a pesagem das almas –, um dos temas de maior importância nas representações visuais do Juízo final. De remota procedência – a psicostasia possui, de fato, origens que remontam a um período muito anterior ao cristianismo – o tema acabou sendo bem aceito pela Igreja, tanto no Oriente como no Ocidente cristãos, uma vez que as Escrituras mencionam, ainda que em poucas passagens, o julgamento dos homens através de uma pesagem. A intenção é mostrar como o tema pode ter sido incorporado à tradição cristã, e porque São Miguel foi associado à cena. Busca-se, também, discutir o desenvolvimento de sua iconografia, mostrando variações nos modos de representação do tema, e seus possíveis significados. Tenciona-se, enfim, inferir as possíveis funções da psicostasia dentro do contexto mais amplo das representações do Juízo final: a pesagem das almas, com efeito, poderia ser considerada a materialização visual do próprio julgamento. Não se pode esquecer, nesse sentido, que imagens com o tema do Juízo final indicam uma das mais importantes questões que norteiam o Cristianismo: o destino do homem após o fim do mundo.

## **MERLIN DA BRETANHA – POR UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM E SUAS RELAÇÕES DE PODER NA INGLATERRA CELTO-CRISTÃ**

Tarso de Souza Pereira - UFRJ

A figura do Mago Merlin e suas manifestações de poder, envoltas nas brumas da Bretanha, são os focos deste trabalho que utiliza três visões literárias distintas (BORON, s.d.; STEWART, s.d. e MONMOUTH, s.d.), buscando estabelecer não apenas diferenças e semelhanças da interpretação de cada autor no mito do Rei Artur, mas também compreender as razões por trás destas interpretações com uma base histórico-comparativa (THEML & BUSTAMANTE, 2004).

A partir das influências básicas de tradição pagã/cristã, explorando a instituição do cristianismo na Bretanha e a decadência da cultura celta/druídica, este trabalho visa oferecer um olhar crítico sobre o mago enquanto personagem e portador de um legado cultural celta, baseado em fatos históricos/literários, buscando não a verdade, mas o verossímil, característica básica do texto literário. Vários aspectos divergentes a respeito da figura do mago Merlin tentam ser comparados e justificados neste trabalho, à luz da compreensão do ambiente circunjacente e das possíveis influências literárias dos autores citados, aspectos estes não apenas relevantes à constituição religiosa da personagem, mas à da própria estrutura social que o cerca e às relações da personagem com essa sociedade, em que se evidenciam a estrutura e definição dos poderes que Merlin representa conforme as funções que desempenha ao longo das obras.

## **REFLEXÕES ACERCA DA HERESIA VALDENSE NO CONTEXTO DO SÉCULO XIII**

Tatiana Henrique Brives - Pem - UFRJ

Esse trabalho é fruto da pesquisa em andamento realizada sob a orientação da professora Andréia C. L. Frazão da Silva. O movimento valdense iniciado em 1173 na cidade de Lyon tomou forma e dimensão principalmente no decorrer do século XIII, tendo por objetivos principais a pobreza evangélica e a pregação apostólica, seguindo os modelos de Cristo e dos apóstolos. Nesse sentido, a figura de seu fundador, Pedro Valdo, é o exemplo desse ideal, por ter sido um rico comerciante que, após ouvir um testemunho sobre a Vida de Santo Aleixo, doou seus bens e passou a pregar o ideal de pobreza evangélica, sendo seguido por homens e mulheres que saíam aos pares pregando o Evangelho. Entretanto, a pregação não era permitida aos leigos e, por isso, os valdenses passaram a ser considerados heréticos pela Igreja através do decreto *Ad abolendam* de 1184, instituído pelo papa Lúcio III e, posteriormente também o IV Concílio de Latrão possui um cânone reafirmando a condenação a todos os hereges.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos que caracterizavam o movimento valdense no século XIII e discutir como o combate à heresia estava inserido num contexto de reforma da Igreja no qual o herege- devido a sua posição diferenciada quanto a organização da ortodoxia- era visto como inimigo potencial.

**PIEIDADE, MILAGRES E HOSPITALIDADE:  
TRÊS ELEMENTOS NORTEADORES DO CODEX CALIXTINUS**

Tatiane S. C. Reis - CNPq - Pem - UFRJ

Hospitais, estradas, pontes. Muitas foram as construções que impulsionaram e/ou foram incrementadas pelas peregrinações. Mais especificamente no século XII, período tido como auge da peregrinação jacobéa, o primeiro arcebispo compostelano, Diego Gelmírez, canalizava esforços no sentido de promover o fluxo de fiéis para a Galícia.

O *Liber Sancti Jacobi*, obra do século XII integralmente dedicada ao apóstolo Tiago Maior, contém um livro chamado *Guia do peregrino*, no qual encontramos descrições da Igreja, dos trajetos e dos cuidados com aqueles que se dirigiam à “Espanha” para visitar o túmulo do santo. Essa preocupação com os fiéis do “cavaleiro matamouros” permeia muitas passagens da compilação.

Analisaremos mais detidamente o sexto e o décimo oitavo milagres presentes no livro II da compilação. Enquanto o sexto milagre faz referência a um “injusto estalajadeiro”, o décimo oitavo ressalta a perseverança e união dos peregrinos, com objetivo de ter acesso ao oratório da Igreja. A hospitalidade e a piedade serão abordadas em nosso trabalho como diretamente relacionadas à construção santidade de Tiago, que se quer corroborar com a produção da obra.

**O DE MAGISTRO DE TOMÁS DE AQUINO:  
CONHECIMENTO E ENSINO NO SÉCULO XIII**

Tatyana Murer Cavalcante - CNPq - FE/UNICAMP

Uma das preocupações de nossa dissertação de mestrado, *Aspectos educacionais da obra de Santo Tomás de Aquino no contexto escolástico-universitário do Século XIII*, diz respeito à concepção educacional desse autor. No ambiente citadino do século XIII, a nova instituição voltada para o conhecimento procura responder aos anseios da sociedade medieval, a partir da contraposição entre a tradição filosófica agostiniana e os recém descobertos textos de Filosofia Antiga, principalmente aristotélica. Às contrárias elaborações compostas pelos mestres universitários daquele período sobressai a postura conciliatória do Mestre de Aquino que, sem menosprezar a importância da fé, valoriza a experiência humana. Para esta comunicação, selecionamos a questão *Sobre o Mestre (De magistro)*, que explicita a necessidade de duas causas para a obtenção do conhecimento: sua pré-existência enquanto *potencialidade* e as *causas próximas*, que o atualizam. O texto esclarece ainda que o homem pode aprender sozinho (descoberta) ou com a ajuda de outro (ensino). Entendemos que a posição educacional do Aquinate vincula-se a sua “teologia-filosofante”: valoriza a atividade humana e a experiência sensível – vitais para as novas necessidades do século XIII – como necessárias à bem-aventurança.

**AS FORMAS DE RECONHECIMENTO DA SANTIDADE NO MEDIEVO**

Thiago de Azevedo Porto - PPGHC - UFRJ/ Pem - UFRJ

A santidade medieval é um tema que já foi substancialmente abordado na historiografia a partir de diversos prismas e diferentes perspectivas teóricas. Contudo, existe um aspecto deste fenômeno que consideramos não ter sido explorado em todas as suas possibilidades pelos historiadores. Trata-se da questão do reconhecimento da santidade. A esmagadora maioria dos trabalhos historiográficos que abordam este aspecto trata somente do estabelecimento dos processos de canonização pelo papado, a partir do século XII, inserido em um contexto de reorganização institucional da Igreja de Roma e afirmação política do papado, visando um maior controle sobre a santidade. Mas como se dava o reconhecimento da santidade antes desse período? Quem eram os responsáveis pela atribuição do *status* de santo para que um determinado personagem pudesse ser devidamente venerado pelas populações cristãs? Podemos falar em reconhecimento oficial antes do estabelecimento dos processos de canonização? E após o estabelecimento das canonizações como norma para o reconhecimento oficial, as outras instâncias de reconhecimento da santidade deixaram de existir? A presente comunicação tem o intuito de abordar o fenômeno da santidade medieval discutindo as diferentes formas de reconhecimento que vigoraram neste período histórico, buscando, mesmo que provisoriamente, responder a estas questões.

## A CRISTIANIZAÇÃO DA NORUEGA E O FORTALECIMENTO DA MONARQUIA NORUEGUESA – UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-LITERÁRIA

Tiago Quintana - UFRJ

A literatura nórdica medieval, mais especificamente a literatura islandesa, tem nas sagas uma de suas mais significativas manifestações. Nelas estão representados diferentes aspectos sociais do mundo germânico através da palavra literária (THEML & BUSTAMANTE, 2004).

Partindo de uma contextualização histórico-literária sobre as características sócio-culturais das sagas islandesas (BOULHOSA, 2005; LÖNNROTH, 2001) e de uma análise de discurso do conto islandês **Sörla Tháttr** (MAGNUSSON & MORRIS, 2004), de autoria anônima, este trabalho propõe-se a demonstrar a relação entre o processo de cristianização da Noruega durante o reinado de Olaf Tryggvason, tomando como base de comparação o mesmo processo ocorrido na Islândia e nos demais reinos escandinavos, e o processo de fortalecimento da monarquia norueguesa, ocorrido através da unificação dos diversos pequenos reinos noruegueses em um único reino, da subjugação da aristocracia guerreira norueguesa, os *jarls*, e dos conselhos responsáveis pela legislação e governo local das aldeias, os *things*, e da centralização do poder político e militar na figura do rei, o próprio Olaf Tryggvason.

## O CONHECIMENTO PRESENTE NAS ETIMOLOGIAS DE ISIDORO DE SEVILHA

Verônica da Costa Silveira - Pem - UFRJ

Não nos é tão distante o tempo no qual a Idade Média foi interpretada como a época que arrefeceu os grandes saltos que a Idade Clássica realizou para o conhecimento humano. Tal leitura revela diversos pressupostos sobre o conhecimento, dentre os quais a noção de que existe uma forma de inteligibilidade acerca do mundo que segue modelos pré-estabelecidos, sendo tais paradigmas condição *sine qua non* para a legitimidade do conhecimento engendrado, e a crença de que o período medieval significou uma ruptura na tradição que cunhou e propagou tal modelo.

Objetivamos com este trabalho refletir sobre algumas das possibilidades do conhecimento e concomitante a esse exercício questionar as interpretações que indicam rupturas entre a Idade Clássica e o medieval. Para tanto lançaremos mão da mais famosa obra de Isidoro de Sevilha, as Etimologias, a fim de analisar a perspectiva sobre o conhecimento que fundamentou sua obra e que permaneceu para além de seu tempo.

Isidoro de Sevilha foi herdeiro de uma tradição que só se perpetuou mediante a reinterpretação operada pelos autores cristãos, como o próprio hispânico, e é justamente sobre essa dinâmica que nos debruçaremos.

## DEVOTOS DO PAÇO: IDÉIAS SOBRE REALEZA, DEVOÇÃO E MEMÓRIA EM PORTUGAL. SÉC. XII-XVI

Vinicius Miranda Cardoso - UFRuralRJ

Em Portugal, observamos que, desde sua “fundação”, a catolicidade é um elemento fundamental de identidade da realeza. Forjado no processo da reconquista ibérica contra os “servos de Mafoma”, o reino luso guardaria por séculos traços de uma cultura guerreira e eminentemente cristã.

Buscando a proteção das instâncias celestiais, alguns monarcas trataram de cooptar os santos imputando-lhes caracteres de padroeiros. Os reis lusitanos, remexendo os martirologios e toda a *mitologia cristã* – no sentido de Hilário Franco Jr. – trasladaram relíquias, firmaram comemorações, batizaram topografias, consagraram batalhas, fizeram promessas e exibiram ex-votos, erigiram ermidas, conventos, elegeram oragos e patronos particulares ou públicos, institucionalizaram tradições. Esses usos do poder e da religião se fundavam numa *cultura intermediária* (conceito de Franco Jr.) que permitia o diálogo entre rei e súditos, nobreza e campesinato, ultrapassando as barreiras sociais.

As iniciativas régias nesse sentido talvez possam ser encaradas como uma das formas de aproximação dos monarcas com o *Sagrado*, isto é, contanto que se usasse da mitologia e religião *intermediária* para sacralizar a atuação política régia e sua memória. Com essas idéias, pois, nossa apresentação buscará uma breve reflexão sobre realeza, devoção e memória nas dinastias de Borgonha e Avis.

**POLÍTICAS SANITÁRIAS E A CENTRALIZAÇÃO RÉGIA EM  
PORTUGAL – SÉCULOS XIV AO XVI**

Viviane Negreiros - UFF

Esta comunicação está circunscrita a Portugal. Lisboa foi o principal ponto de partida do processo de centralização da política régia portuguesa, tornando-se o coração do reino, o lugar da alta administração da Coroa, do mundo de mercadores e suas rotas internacionais e também pólo de recepção e irradiação de surtos de epidemias e, conseqüentemente, o *locus* de produção da fonte a ser analisada, o *Livro primeiro do provimento da saúde*, que se encontra no Arquivo Municipal desta cidade.

O período proposto situa-se no contexto da Dinastia de Avis, grande responsável pela transformação política administrativa que possibilitou a centralização do poder real. Acredita-se que ao longo desse período, a assistência pública tornou-se um mecanismo importantíssimo ao fomento da centralização régia, isto é, um dos maiores catalisadores para a construção do Estado português.

Pela necessidade da institucionalização da Saúde Pública se pretende identificar os fatores que contribuíram para a centralização da política régia, tendo como base a articulação entre os poderes régio e *concelho*. Acredita-se que a institucionalização do assistencialismo medieval lusitano convergiu em um mecanismo social e político que contribuiu para a manipulação dos poderes em prol da centralização monárquica geradora do Estado Moderno. Assim, pretende-se analisar as relações entre estes poderes, procurando através dos Concelhos uma melhor medida para consolidar as estratégias de centralização monárquica, tendo como objeto principal a “criação” política relacionada à institucionalização da idéia de saúde pública e a constituição desta como mecanismo estruturador da ordem.

## **Participantes:**

### **Comissão organizadora:**

Andrea Silva da Costa  
Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva  
Carolina Coelho Fortes  
Jaqueline Calazans  
Leila Rodrigues da Silva  
Rita de Cássia Damil Diniz  
Rodrigo dos Santos Rainha

### **Conferencistas:**

Prof. Dr. Hilário Franco Jr. (Universidade de São Paulo)  
Prof. Dr. Fernando Uribe Escobar (Facoltà di Teologia della Pontificia Università Antonianum)

### **Comunicadores:**

1. Adriana Conceição de Sousa - FAPERJ / Pem - UFRJ
2. Adriana Rodrigues de Almeida – UGF
3. Alex da Silveira de Oliveira - Pem - UFRJ / PPGHC – UFRJ
4. Alinde Gadelha Kühner - CNPq / Pem - UFRJ
5. Almir Marques de Souza - UFF
6. Ana Carolina Delgado Vieira - USP
7. Ana Paula Lopes Pereira - UERJ
8. Anália Ramos Perpétuo Paniza - UFRJ
9. André Luiz Caetano Filgueiras - UFF
10. André Maurício G. Mesquita - UFRJ
11. Andréa Silva da Costa - FAPERJ / Pem - UFRJ
12. Artur Gonçalo Mota Henriques - UFF
13. Bruno de Melo Oliveira - PPGH - UFF
14. Bruno G. Álvaro - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ
15. Bruno Silva do Nascimento - UERJ
16. Bruno Soares Miranda - UERJ
17. Bruno Uchoa Borgongino - CNPq / Pem – UFRJ
18. Candice Quinelato Baptista Cerchiani - USP
19. Carlos Augusto Ferreira Figueira - UNIRIO
20. Carolina Coelho Fortes - Pem - UFRJ / PPGH - UFF
21. Cleber Duarte Coelho – UFSC
22. Daniel Tomazine Teixeira – UFF
23. Daniele Sandes da Silva - UFF
24. Danielle Kaeser Merola - Pem - UFRJ / PPGHC - UFRJ
25. Denise da Silva Menezes do Nascimento - USP
26. Edilaine Vieira Costa - Pem - UFRJ
27. Elaine Cristine dos Santos Pereira - UFF
28. Elaine Senko - PIBIC- CNPq/ UFPR
29. Eliane Ventorim - IBFCRL - CESAT - UFES
30. Elzi Helene Monjardim Amigo - UFRJ
31. Fabrícia Giuberti dos Santos - UFES
32. Flávia Rocha do Nascimento - Pem - UFRJ
33. Gabriela da Costa Cavalheiro - UFRJ
34. Guilherme Antunes Júnior - Pem - UFRJ
35. Helena R. Matheson - UFF
36. Henrique Marques Samyn - UERJ
37. Hudson dos Santos Barros - UFRJ
38. Iracema Andrade de Alencar - Pem- UFRJ
39. Isabela Dias de Albuquerque - UFF
40. Italo Papi da Costa - UFRJ
41. Janira Feliciano Pohlmann - UFPR
42. Jefferson Eduardo dos Santos Machado - Pem - UFRJ
43. João André de Araújo Faria - UFRRJ
44. João C. L. de Carvalho - PPGH - UFF
45. João Fernando Silveira Corrêa - Pem - UFRJ
46. João Henrique dos Santos - UGF / PPCIR-UFJF
47. João Paulo Charrone - CAPES / UNESP (Assis)
48. João Rafael Chió Serra Carvalho - USP
49. João Vicente de Medeiros Publio Dias - UFPR
50. Jorge Victor de Araújo Souza - CNPq / PPGH - UFF
51. Kátiuscia Quirino Barbosa - UFF
52. Leandro Duarte Rust - PPGH - UFF
53. Lígia Cristina Carvalho - UNESP (Assis)
54. Luciana Cosme de Oliveira – CESAT
55. Luciano José Vianna - PPGHIS - UFES
56. Luiz Felipe de Souza - Pibex - Pem - UFRJ

57. Luiz Vagner da Costa - UGF
58. Luzia dos Ramos Pinto - UNIGRANRIO
59. Marcelo Fernandes de Paula - Pibex - Pem - UFRJ
60. Marcelo Pereira Lima - Pem - UFRJ / PPGH - UFF
61. Maria Fernanda R T. M. dos Santos
62. Maria Valdiza Rogério Soares - Pem - UFRJ
63. Mariana Bedran Lesche - UFF
64. Marina Cavalcanti e Silva Neofiti - USP
65. Marina de Araújo - CNPq / USP / PRP
66. Michelle de Oliveira Santos - Pem - UFRJ
67. Milton Mazetto Junior - USP
68. Nayara Sepulcri Pinheiro - CNPq / UFES
69. Neuci Lopes da Silva - ITF
70. Ney Augusto Ferreira dos Santos - UFRJ
71. Otávio Luiz Vieira Pinto - UFPR
72. Paola Dias - PPGHIS - UFES
73. Paulo Duarte Silva - FAPERJ / Pem – UFRJ / PPGHC - UFRJ
74. Paulo Henrique de Carvalho Pachá - UFF
75. Paulo Ricardo Costa Pinto – UGF
76. Paulo Roberto Parq Alves - UFRJ
77. Pedro Vieira da Silva Peixoto - UFRJ
78. Priscila Gonsalez Falci - PPGHC - UFRJ/ Pem - UFRJ
79. Rafael de Mesquita Diehl - UFPR
80. Rafael José Bassi – UFPR
81. Renato Rodrigues da Silva - UFF
82. Renato Viana Boy – DEHIS - UFOP
83. Ricardo Duarte Azeredo - UGF
84. Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz - CNPq / Pem - UFRJ
85. Rodrigo da Silva Salgado - PPGHC - UFRJ
86. Rodrigo dos Santos Rainha - Pem - UFRJ
87. Rogerio Ribeiro Tostes - CNPq / UFPR
88. Ronaldo Amaral - FAPESP / UNESP (Assis)
89. Rosiane Graça Rigas Martins - UGF
90. Sílvia Barbosa Guimarães Borges - PPGAV - UFRJ
91. Sooraya Karoan Lino de Medeiros – USP
92. Tamara Quírico - PPGHIS - UFRJ / IPHAN
93. Tarso de Souza Pereira – UFRJ
94. Tatiana Henrique Brives - Pem - UFRJ
95. Tatiane S. C. Reis - CNPq - Pem - UFRJ
96. Tatyana Murer Cavalcante - CNPq - FE/UNICAMP
97. Thiago de Azevedo Porto - PPGHC - UFRJ/ Pem - UFRJ
98. Tiago Quintana - UFRJ
99. Verônica da Costa Silveira - Pem - UFRJ
100. Vinicius Miranda Cardoso - UFRURALRJ
101. Viviane Negreiros – UFF

**Coordenadores de mesas:**

1. Álvaro Alfredo Bragança Jr. – UFRJ
2. Bruno de Melo Oliveira - PPGH - UFF
3. Cláudia Beltrão da Rosa – UNIRIO
4. Denise da Silva Menezes do Nascimento - USP
5. Fabiano Fernandes - PPCIR – UFJF
6. Fabrícia A. T. de Carvalho - Pem – UFRJ
7. Francisco José da Silva Gomes – UFRJ
8. Gracilda Alves – UFRJ
9. Henrique Marques Samyn - UERJ
10. Jaqueline Calazans - Pem – UFRJ
11. José D’Assunção Barros – USS
12. Lenora Pinto Mendes – UFF
13. Livia Lindóia Paes Barreto – UFF
14. Marcelo Pereira Lima - Pem - UFRJ / PPGH – UFF
15. Marcus da Silva Cruz – UFMT
16. Maria Beatriz de Mello e Souza – UFRJ
17. Maria do Carmo Parente – UERJ
18. Marta Silveira Bejder - UGF
19. Miriam L. Impillizieri Silva – UERJ
20. Paulo André Parente – UNIRIO
21. Renata Menezes - UFRJ
22. Renata Rozental Sancovsky – UGF
23. Sandro Roberto da Costa – ITF
24. Valtair Afonso Miranda - UMESP